



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV**

**SIRLANE SANTOS SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER EM *A***  
***HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR:**

**Um olhar sobre Macabéa**

**JACOBINA**

**2012**

**SIRLANE SANTOS SILVA**

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER EM *A HORA DA ESTRELA*  
DE CLARICE LISPECTOR:  
Um olhar sobre Macabéa**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia,  
Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina- BA,  
como requisito para obtenção do grau no Curso de Letras Vernáculas.

**Orientadora:** Professora Dr<sup>a</sup> Elizabeth Gonzaga de Lima.

**JACOBINA**

**2012**

**SIRLANE SANTOS SILVA**

Monografia submetida à aprovação do corpo docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, como pré-requisito para a conclusão do curso de Letras Vernáculas.

Aprovada em: 20/12/2012.

Banca Examinadora:

---

Profª. Drª. Elizabeth Gonzaga de Lima- Orientadora  
Universidade do Estado da Bahia

---

Profª. Ma. Juliana Cristina Salvadori  
Universidade do Estado da Bahia

---

Profª. Ma. Maria Iraides da Silva Barreto  
Universidade do Estado da Bahia

A Deus,  
inspiração divina que ilumina minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Em todos os momentos de nossa vida devemos agradecer os obstáculos ultrapassados, as vitórias alcançadas e a vida que Deus nos concedeu. Nesse momento, aproveito a oportunidade para agradecer a todas as pessoas que me ajudaram e me apoiaram no decorrer de minha graduação.

Foram muitas lutas, lágrimas, tristezas, mas também, muitas alegrias aconteceram no transcorrer desses últimos anos. Gratidão é um substantivo pequeno perto do que me tornei durante todo o processo de formação. Dessa forma, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram na execução desta monografia.

À Deus pela proteção constante, por nunca me desamparar nos momentos mais angustiantes de minha vida, por estar sempre iluminando meus passos, dando-me força e coragem.

Aos meus pais, Erundino e Sirleide, pelo exemplo de coragem, força e determinação, pela sensível e brilhante forma com que me educaram, pelo incomensurável amor que nos une, por serem as estrelas que iluminam minha vida tornando-a mesma mais feliz. Sem eles, esse momento tão almejado jamais aconteceria. Sou muito grata ao incentivo e à confiança depositada em mim.

Aos meus irmãos, Cleiton e Priscila, que sempre “torraram a minha paciência”, mas me fizeram sorrir nos momentos de aflição. Amo vocês!

À toda minha família, tios (as), avós, primos (as), que me apoiaram e sempre tiveram orgulho de mim.

À minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Elizabeth Gonzaga de Lima, que dispôs de seu tempo para me orientar e fazer com que as ideias fossem ganhando “forma”. Com seu saber ajudou-me a trabalhar de maneira crítica a literatura de Clarice Lispector. Suas orientações me proporcionaram maior aprendizado.

Aos meus amigos: Ceane, Euba, Joedson, Leandro, Mariana, Marilda, Magaly, Mary, Soni, Vânia e Vany, pela paciência, resenhas e festas nos momentos de altos e baixos da vida.

A Josy Rodrigues, minha amiga e colega de trabalho, que sempre me ajudou nos momentos que mais precisei.

A Emily, exemplo de amizade, agradeço imensamente a colaboração.

A Tatiane Santos, que mesmo distante me ofertou todo carinho e amizade, sou muito grata pela constante presença em minha vida.

Aos meus padrinhos de coração: Natan e Nara, que fizeram diferença em minha vida pessoal e espiritual.

Aos meus colegas da universidade, em especial a: Ileide, Daniela, Rozeli e Jamille, pelas sessões de cinema, choros e muitos risos presentes em nossa vida acadêmica.

A Josenilda, uma colega mais que fiel.

Aos professores, que contribuíram efetivamente na minha formação.

Enfim, a todos que de qualquer forma colaboraram para a conclusão do meu curso.

*“Não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Palavras muito puras, gotas de cristal. Sinto a forma brilhante e úmida debatendo-se dentro de mim. Mas onde está o que quero dizer? Inspira-me, eu tenho o conteúdo à espera da essência”.*

*Clarice Lispector*

## RESUMO

Este trabalho investiga a representação social da mulher no romance **A Hora da Estrela**, analisando o desenraizamento da protagonista em meio à metrópole. A personagem apresentada é uma pobre alagoana órfã, que mal se lembrava de seus pais, pois perdera quando tinha dois anos de idade. Em virtude desta situação, foi criada por uma tia beata que tinha gosto por maltratar a garota. Com a morte da tia, a jovem sertaneja deixa o sertão nordestino em direção ao Rio de Janeiro em busca de uma melhor condição de vida, porém, ao chegar à cidade grande, se depara com uma metrópole construída contra ela, onde passa a viver à margem da sociedade carioca. Para alcançar o objetivo deste trabalho foi necessário construir um panorama sobre os vários enfoques que a autora elabora dentro do romance, dentre eles, a exclusão, a alienação e o insulamento da personagem Macabéa. Nesse percurso, nota-se, no entanto, que a autora conduz o leitor a debruçar-se numa narrativa repleta de questionamentos, críticas e ironias, tornando-a assim complexa, em função de tratar do lado introspectivo do ser humano. Macabéa sem tomar consciência de sua própria existência é o retrato de vários migrantes brasileiros que sonham com um futuro melhor, mas que infelizmente, deparam com uma sociedade que não valoriza as suas raízes, tradições, crenças e identidade.

**PALAVRAS- CHAVE:** Representação; Cidade; Alienação.

## ABSTRACT

This paper investigates the social representation of women in the novel *The Hour of the Star*, analyzing the uprooting of the protagonist amidst the metropolis. The main character is a poor orphan from Alagoas, who barely remembers her parents because she had lost them when she was two years old. Given this situation, she was raised by a pious aunt who liked to abuse the girl. With the death of her aunt, the young girl from the backwoods leaves the northeast towards Rio de Janeiro in search of a better life. However, when arriving in the big city, she is faced with a metropolis built against her where she starts living on margins of society. In order to achieve the objective of this work it was necessary to construct an overview of the various approaches that the author elaborates within the novel including the exclusion of alienation and the isolation of the character Macabéa. Along the way, however, it can be noticed that the author guides the reader into a narrative full of questions, criticism and sarcasm, making it complex, due to the observation of the introspective side of the human being. Macabéa, without being aware of her own existence, is a portrait of several Brazilian migrants who dream of a better future but unfortunately face a society that does not value their roots, traditions, beliefs and identity.

**KEYWORDS: Representation; City; Alienation.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1 Relação entre literatura e sociedade</b> .....	<b>28</b>
<b>1.2 Representação literária da pobreza</b> .....	<b>33</b>
<b>1.3 Entre o riso e o estereótipo: a migrante nordestina</b> .....	<b>38</b>
<b>2 FIGURAÇÕES FEMININAS EM <i>A HORA DA ESTRELA</i></b> .....	<b>40</b>
<b>2.1 Macabéa e Glória: estereótipos femininos em contraposição</b> .....	<b>49</b>
<b>2.2 Por que uma protagonista feia?</b> .....	<b>53</b>
<b>2.3 Macabéa: Exclusão e Alienação</b> .....	<b>57</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>66</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Em 1977, pouco antes de morrer, Clarice Lispector apresenta o romance **A Hora da Estrela**, no qual lança seu olhar sobre a situação da migrante nordestina que vive diversos conflitos com seu “mundo interior” e a cidade do Rio de Janeiro. Ao falar sobre a infeliz alagoana, a autora impulsiona o leitor a refletir sobre a sua própria condição no mundo. Além disso, Clarice Lispector reúne três abordagens dentro da trama: filosófica, social e estética. Na tentativa de seguir este enfoque, o presente trabalho irá apresentar uma análise sobre a representação social da mulher em **A Hora da Estrela**, com o foco na protagonista do romance. O trabalho tem como base uma das obras mais comentadas de Clarice Lispector, por ser o último livro publicado em vida, o mesmo foi considerado um dos mais badalados desde o ano de sua morte.

A protagonista do romance **A Hora da Estrela** foge totalmente dos estereótipos femininos que são apresentados em boa parte das obras da literatura brasileira, a imagem de mulheres bonitas, sedutoras, ficam longe da alagoana. Macabéa é tudo o que a sociedade brasileira considera horrendo diante do meio social, ela é feia, raquítica, fraca, incompetente para a vida e para a sociedade carioca, um espaço que virou o seu maior “inimigo” uma vez que nada daquela cidade condizia com a sua classe social.

Nesse momento de mudança, Macabéa vive sem perceber os maiores conflitos de sua vida, convivendo em um ambiente cheio de frustrações e infelicidade. Na verdade, ela sempre foi infeliz, mesmo sem ter consciência desse fato. Aos dois anos de idade, a sertaneja havia perdido os seus pais, a herança que lhe restara, foi morar com uma tia beata que era a sua única parenta. Macabéa era maltratada pela tia, que tinha enorme prazer em castigá-la, mesmo que a garota não desse motivo, era dolorosamente punida, levando cascudos na cabeça e sendo privada de sua sobremesa favorita: queijo com goiabada.

Aos 19 anos de idade, a alagoana muda-se para o Rio de Janeiro. Nesse ambiente de grande crescimento econômico, a sertaneja não consegue se encontrar. De certa forma, ela sofre com o desenraizamento que teve de fazer ao deixar a sua terra. O sertão, que é sinônimo de pobreza, foi trocado por uma cidade do sudeste, que é oposto ao ambiente nordestino. Tanto em relação à mudança climática, quanto em relação à cultura do lugar. A vida de Macabéa sempre foi muito dura, uma semianalfabeta, sozinha em uma metrópole não consegue acompanhar o ritmo de vida da cidade do Rio de Janeiro. Dessa maneira, Macabéa

faz o percurso de tantos outros migrantes nordestinos, que ao chegar à megalópole, ocupam a parte suburbana da cidade.

A alagoana é um ser inconsciente que somente busca uma maneira de manter-se viva, sua capacidade de pensar e agir é quase que inexistente, ela não toma consciência que é necessário sentir-se como um ser humano para assim, poder ser capaz de expressar seu ponto de vista diante de qualquer assunto que venha a surgir, ela encontrava-se sempre à margem da sociedade carioca e nada tinha a acrescentar. Por ser excluída do meio social, Macabéa não se sentia como parte integrante do meio, sabia apenas que necessitava trabalhar, que era uma datilógrafa e assim, passava o resto do dia ouvindo inocentemente o chiado de um rádio, era o que mais lhe encantava. Sob esta perspectiva, a protagonista é o retrato da subserviência, menosprezo e ignorância, sendo essa a imagem passada pelo narrador da trama.

Um dos motivos pelo qual propus trabalhar o tema **A Representação da Mulher em A Hora da Estrela de Clarice Lispector: Um olhar sobre Macabéa** foi tentar mostrar o desenraizamento da nordestina na cidade do Rio de Janeiro. Clarice Lispector ao escrever sobre a sertaneja faz uma encenação ao criar um narrador/escritor para assim traçar o perfil da mulher que move a trama. É fato que há dezenas de “Macabéas” existentes pelo Brasil. A protagonista da narrativa é apenas uma mostra das diversas mulheres que vivem à margem da sociedade e não conseguem se identificar como parte da nação. Nesse sentido, procurei articular os pontos que considero mais significativos na obra, dentre eles: a cidade, a alienação e a feiura para assim entender como é construída a representação de Macabéa.

Mediante a pesquisa, objetivou-se analisar como a mulher é representada na obra **A Hora da Estrela**. Por meio da linguagem presente na trama, busquei observar como são construídos os perfis de mulheres por meio da narrativa e assim desvendar as diversas máscaras que Clarice Lispector utiliza para escrever a história da alagoana. O desejo de realizar uma pesquisa que aponta a condição da mulher diante da sociedade conservadora do século XX é de suma importância para que os leitores comecem a questionar as bases sociais e observarem a condição atual da mulher do século XXI. A partir da década de 1960, ocorreram várias mudanças em relação à figura da mulher. Ainda assim, muitas mulheres, em especial a mulher nordestina, continuam sofrendo com o preconceito e estereótipos recebidos pela sociedade. Vale lembrar que a construção da identidade de Macabéa, parte da visão do narrador Rodrigo S.M. que ao mesmo tempo em que narra, escreve a história da nordestina.

Como já foi dito, Clarice Lispector difere sua escrita, ao criar um pseudônimo masculino narrando uma história com um discurso metalinguístico, a autora segue uma escrita

moderna para a sua época, que por meio deste narrador/escritor ironiza a tão maltratada Macabéa que somente recebe um momento de glória no final da trama, minutos antes de sua morte.

Este trabalho justifica-se pela importância de compreender alguns aspectos, da narrativa clariceana, uma vez que seu estilo literário se destaca ao deixar o “mundo externo” em segundo plano e colocar em evidência os conflitos interiores dos personagens. Esses “conflitos” psicológicos contribuem para que o leitor possa pensar sobre seus próprios conceitos diante do meio social. O trabalho metodológico partiu do pensamento de Émile Durkheim (1858-1917) que defende o método funcionalista, o qual se caracteriza por analisar qualquer elemento de um sistema social, uma vez que é notável, que nada é existente na vida social que não obtenha ligação com as particularidades de um indivíduo. Acreditamos que a metodologia da pesquisa não consiste em um rol de procedimentos a seguir, pelo contrário, a metodologia deve ser organizada a partir de um quadro de referências, decorrentes do mundo, do homem e do conhecimento.

Na análise das leituras bibliográficas, buscou-se encontrar os traços marcantes da narrativa, que apontem características dos elementos ficcionais com a realidade. A começar pela questão da representação, que trata das relações sociais e interpessoais, exercendo influência na compreensão do mundo ao nosso redor. Compreenderemos, portanto, que “a função da narrativa não é de representar, mas de construir um espetáculo que ainda permanece muito enigmático” (COMPAGNON, 2001, p. 101). Por meio das ações humanas apresentadas na obra **A Hora da Estrela**, podemos perceber a relação da literatura com a realidade, dessa forma esse trabalho vai se consolidando e reafirma também, a importância do estudo.

O texto será dividido em dois capítulos, o primeiro vai apresentar como o romance elabora a representação social da protagonista da trama. Para isso, apresentarei conceitos de escritores, filósofos e teóricos que discutem a questão da representação como encenação ou imitação da realidade. Nesse percurso, o leitor irá encontrar fragmentos do romance **A Hora da Estrela** que exemplificam as ideias de alguns autores como Aristóteles, Antoine Compagnon e outros que ajudarão o leitor a compreender o trabalho em questão. Ainda no primeiro capítulo, será possível verificar questões relacionadas à literatura e à sociedade, a representação literária da pobreza e questões sobre os estereótipos atribuídos à migrante nordestina.

Já no segundo capítulo tentarei estabelecer relações entre: mulher, cultura e sociedade acerca do romance. Para isso, tentarei fazer um panorama sobre as figurações femininas

presentes na obra de Clarice Lispector, analisando a diferença entre a postura das mulheres do romance com a de outras protagonistas apresentadas por outros autores da literatura brasileira. Serão também abordado, questões sobre a feiura, exclusão e alienação de Macabéa.

## 1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Aristóteles, filósofo grego, na **Arte Poética**, afirma que as ações do homem e que todas as artes são formas de imitação/representação, denominada mimese. A imitação é produzida por meio do ritmo, da linguagem e da harmonia, empregados separadamente ou em conjunto. Segundo Aristóteles, a imitação “se aplica aos atos das personagens e estas não podem ser senão, boas ou ruins (pois os caracteres dispõem-se quase nestas duas categorias apenas, diferindo só pela prática do vício ou da virtude), daí resulta que as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós” (ARISTÓTELES, 2012 p. 02). Se encararmos a representação como imitação, essa definição nos coloca diante da ideia de encenação ou puramente ficção.

A ficção literária nos proporciona um espaço para encenação onde as representações do real são apresentadas como um pêndulo entre o real e o imaginário. Portanto, por mais que o texto literário nos conduza ao fantástico, temos que continuar com a consciência de que as ficções revelam apenas uma necessidade do homem, de vivenciar as suas experiências no outro.

Antoine Compagnon nos diz que a mimese “é o termo mais geral e corrente sob o qual se conceberam as relações entre literatura e realidade” (COMPAGNON, 2001, p. 97). Tal colocação reafirma a ideia de Aristóteles de que a mimese é a imitação, a “cópia” da realidade. A literatura pode apresentar diversos fatos que envolvem a sociedade. Contudo, o seu valor não está presente naquilo que é dito e sim, no que nos dá a possibilidade de refletir sobre o não dito. Por meio da narração, o autor pode aguçar a imaginação do leitor, proporcionando-lhe maior conhecimento.

Através do autor, o narrador passa a assumir uma entidade fictícia. Ele não é o centro das atenções e sim os fatos que são narrados por ele, o que o diferencia do autor, que cria o narrador para enunciar o enredo do texto literário. Desta maneira, entende-se que o narrador passa a representar as estratégias do autor, que de certa forma, vivencia algumas experiências através dos personagens da história. Estas perspectivas teóricas nos servem como subsídios para compreender a construção do romance **A Hora da Estrela** de Clarice Lispector, que narra o rumo da infeliz nordestina Macabéa.

A personagem a qual iremos analisar possui uma trajetória que revela a crise financeira e climática da região nordeste responsável pela a migração de milhares de pessoas

para o sudeste do país. A partir desse processo de desenraizamento, procuraremos estudar esta personagem levantando questões acerca de sua representação dentro da sociedade. Macabéa é uma personagem construída literariamente por Clarice Lispector a qual acaba provocando inquietação no leitor, provavelmente, por se tratar de uma mulher que não revela nitidamente os seus desejos.

Ao longo da narrativa, Clarice Lispector atrai a atenção do leitor levantando questões críticas sobre o comportamento do ser humano diante dos problemas sociais. O enredo se desenvolve a partir do instante que o narrador da história captura o olhar de uma nordestina que está perdida na multidão, somente o seu criador percebe e ama a simples sertaneja que vamos conhecendo aos poucos. São as atitudes e as falas das personagens que nos dá a possibilidade de entender a posição social que cada um ocupa no plano do texto literário.

A representação da personagem em uma obra literária se dá por meio da adaptação do sujeito mediante determinados conflitos. Por meio destas situações apresentadas, o autor pode utilizar artifícios para expor também as suas críticas sociais. Como Clarice Lispector foi considerada uma mulher ousada por escrever de forma diferenciada dos autores de sua época, acabou gerando inúmeras discussões em torno do romance **A Hora da Estrela**, a linguagem utilizada na obra é extremamente introspectiva o que provoca, de certa forma, inúmeras reflexões acerca da narrativa.

Em **A Hora da Estrela** Clarice Lispector assume a máscara ficcional de um narrador/escritor para contar a história da nordestina Macabéa. A autora cria um narrador na primeira pessoa o qual recebe o nome de Rodrigo S.M.. Este narrador não faz parte da história, mas conta detalhes minuciosos da vida da protagonista, como se fosse sua missão revelar a existência desta personagem.

Macabéa é representada como uma mulher vítima dos estereótipos decorrentes de sua infância vivida no sertão de Alagoas. Perdera os pais com dois anos de idade de “febres ruins”, em virtude disso, fora criada por uma tia beata, a qual lhe deu uma educação um tanto cruel. A tia de Macabéa gozava de um grande prazer ao encher a cabeça da menina de cascudos, fazia isso, porque não queria que sua sobrinha viesse a ser uma “dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Embora a menina não desse motivo de vir a ser uma “vagabunda de rua”.

A protagonista do romance **A Hora da Estrela** ao migrar para o sudeste é excluída do contexto social, sofrendo desterro, ou seja, não pertence a lugar nenhum, não se reconhece na grande metrópole em que vive (Rio de Janeiro) e tampouco se interroga sobre a vida. A

cidade do Rio de Janeiro é o ambiente onde se passa a maior parte da vivência da personagem, que coincide com um sofrimento “desconhecido”, este, resulta em uma dor que Macabéa sente a todo o momento, e como solução, pede todos os dias aspirina para sua colega de trabalho Glória.

- Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.
- É para eu não me doer.
- Como é que é? Hein? Você se dói?
- Eu me doo o tempo todo.
- Aonde?
- Dentro, não sei explicar. (LISPECTOR, 1998, p. 62)<sup>1</sup>.

As respostas de Macabéa sempre eram sem sentido, por isso, ninguém nunca compreendia o que a sertaneja queria dizer. A falta de informação acabava fazendo com que ela vivesse completamente distante do espaço, sem comunicação.

Macabéa, por ser desprovida de conhecimento, não entendia nada sobre a sua própria existência no mundo. O sofrimento fazia parte da sua vida, acreditava que isso era algo normal e que as coisas são como devem ser, em outras palavras, ela nutria a certeza de que merecia sofrer, mesmo sem saber a razão. A jovem não se questionava sobre sua existência e não compreendia a diferença entre o bem e o mal. Por isso, era muito fácil de ser enganada.

Provavelmente, a nordestina já havia chegado à conclusão de que a vida não era algo para ser questionado e tinha medo de ser castigada, caso viesse a sentir gosto por ela. Já que, ela arrumava um jeito de fazer com que as coisas, mesmo sendo as mais simples fossem consideradas pecado. Por isso, Macabéa tinha muita resistência em relação à mudança de comportamento. Clarice Lispector, através de sua máscara ficcional, demonstra o quanto se sente incomodada com a alienação da personagem e aponta toda a sua revolta em relação à postura da protagonista, “[...] preciso falar dessa nordestina senão sufoco” (LISPECTOR, 1998, p. 17). Sob esta perspectiva trata-se de uma história difícil de escrever por apresentar uma pessoa que não tem uma representação significativa dentro da sociedade.

No romance **A Hora da Estrela**, a representação social é construída a partir da relação estabelecida entre o sujeito e a sociedade. Macabéa, personagem principal do romance é apenas mais uma pessoa submissa ocupando espaço no meio em que vive, pois não faria falta a ninguém caso lhe acontecesse algum incidente, em virtude de sua presença ser pouco

---

<sup>1</sup>Todas as citações do romance presente neste trabalho pertencem a 1ª edição, portanto, será utilizado daqui por diante somente o número da página.

notada. A descrição da personagem é uma transcrição de momentos que revelam tamanha exclusão desse ser que chamamos de mulher, uma vez que a mesma é tratada como um animal domesticado, uma criatura irracional.

Ela é como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelo menos quero encontrar o mundo de seu Deus. Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento (p. 18).

A intenção de falar sobre representação social lançando um olhar sobre essa personagem de Clarice Lispector é tentar estabelecer uma ponte entre os aspectos culturais que envolvem a literatura e o processo de identidade que possivelmente nos ajudará a desvendar os anseios do leitor sobre Macabéa. Nesse sentido, é necessário entendermos a literatura em uma mútua relação entre autor, realidade, leitor e linguagem.

Por meio da linguagem literária podemos entender a representação da personagem Macabéa neste mundo totalmente oposto a ela. Segundo Domício Proença Filho o romance

É um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizados pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele *emoções* profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, coparticipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum (FILHO, 1990, p.7).

Diante do que Domício Proença Filho nos apresenta, percebemos que é através da linguagem que a sociedade se comunica. Por meio desta, podemos formar conceitos, opinar e interpretar, diferentemente do que muitos podem pensar a comunicação não acontece somente quando estabelecemos um diálogo com outro. Por meio de um texto literário ou não literário, também podemos nos comunicar, levantando discussões para melhor entender o que o texto quer nos dizer. A linguagem pode se manifestar de diversas maneiras, uma delas, é no aspecto cultural no momento em que representa elementos de uma sociedade revelando as várias facetas que o homem vai desenvolvendo e modificando com o passar dos tempos.

Edgar Allan Poe (1986) em **O homem na multidão** defende que o texto literário possui um compromisso com a realidade social. Em seu texto, Edgar Allan Poe descreve uma das principais ruas da cidade de Londres, a qual é bastante movimentada durante o dia inteiro. Há uma intensa aglomeração de pessoas na calada da noite, então, o narrador/personagem da história se coloca no estado de observação, contemplando todo o movimento da cidade. Pessoas que entram e saem de bares, cafeterias, lojas, cada um com gestos e comportamentos diferentes, contudo, faziam parte do mesmo contexto social. A representação do narrador/protagonista se dá por meio do silêncio que através de sua imaginação, busca experimentar a realidade de cada um. O narrador/personagem que vagueia não é percebido por ninguém, tornando-se apenas mais um “homem na multidão”.

O ponto de vista do conto de Edgar Allan Poe, **Um homem na multidão**, é semelhante ao apresentado no romance de Clarice Lispector **A Hora da Estrela**. Tanto o narrador/ personagem do conto, quanto Rodrigo S. M., são observadores do meio social, no qual abrem um campo de possibilidades para entender o que se passa no interior do ser humano. Assim como “o homem na multidão” personagem de Poe, vive a protagonista Macabéa, uma mulher que não é percebida em nenhum lugar. É perceptível que o que distancia uma narrativa da outra é o fato de que “o homem na multidão” se questiona sobre as várias facetas encontradas em seu caminho, enquanto Macabéa, apenas aceita tudo que vê.

Macabéa vai buscar melhoria de vida no Rio de Janeiro e encontra uma cidade construída de maneira oposta ao seu perfil de mulher, nada do que existia naquele meio combinava com a sertaneja que estava perdida em meio à multidão daquela metrópole. A realidade que a literatura representa por meio da linguagem em **A Hora da Estrela** traz como discussão, a crítica de como a sociedade trata um indivíduo desenraizado no meio em que vive. Um jogo de exclusão e alienação, dois polos que caracterizam a personagem Macabéa.

Antoine Compagnon nos diz que “a literatura é anacrônica, mas [...] foi geralmente definida como imitação ou representação (*mimésis*) de ações humanas pela linguagem” (COMPAGNON, 2001, p. 38). Antoine Compagnon nos passa a ideia de que mesmo que a literatura não conduza uma cronologia dos fatos, ainda assim, pode continuar apresentando questões relacionadas ao mundo real. A história de Macabéa, não segue uma linearidade. Este fato pode ser percebido, no momento em que o narrador/escritor da trama menciona “só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes” (p. 12). A história principal da protagonista do romance **A Hora da Estrela** inicia-se, apenas, depois de inúmeras páginas. Percebe-se então,

que o autor, lança mão da ironia, para criticar as narrativas que seguem uma estrutura tradicional de começo, meio, fim.

Clarice Lispector, por meio da literatura, captura o olhar do leitor apresentando a relação entre autor, leitor e sociedade, revelando a grande ligação existente entre ambos, seja por meio da crítica presente em sua obra ou pela representação da realidade vivenciada ainda nos dias atuais. A imagem da mulher apresentada na obra em questão através da protagonista da história é bastante significativa. A autora apropria-se da máscara ficcional, faz inúmeras indagações para descrever a infeliz nordestina que “sofre o peso da foice” em seu peito, por se tratar de uma mulher completamente inócua, assumindo assim os discursos preconceituosos da sociedade:

Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente - mas sem fazer estardalhaço de minha humilde que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com o vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser tão ignorante era obrigada na datilografia a copiar letra por letra (p. 15).

É notória a utilização da ironia na narrativa, Rodrigo S. M. ao se referir a protagonista, fala com certo desprezo em relação à moça: “[...] ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita” (p. 15). A fala do narrador remete as diferenças de valores culturais. A nordestina que migra para o Rio de Janeiro é apenas uma representação das milhares de pessoas que não apresentam importância na sociedade e que podem ser facilmente substituídas.

Esse retrato de mulher exposto por Clarice Lispector representa um ser que é imerso na sociedade sem participação alguma, pois, nem é percebida por onde passa, ela é vista com escárnio, desprezo e desumanidade. Macabéa é caracterizada como uma mulher feia, raquítica e alienada, vítima de sua infância vivida no sertão do estado de Alagoas. Essa mulher fica à margem da sociedade carioca, a mercê do meio que vive, entre Macabéa e a cidade do Rio de Janeiro existe um abismo enorme, que não condiz com a sua origem.

A protagonista do romance é “tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde o sorriso porque nem ao menos a olham” (p.16). É essa a condição que Macabéa se encontra, uma sertaneja que não tem um posicionamento dentro da sociedade, não é notada e é reduzida simplesmente a uma datilógrafa analfabeta, como afirma o autor da

história. Diante do que podemos observar a personagem central do romance é desprovida de inteligência e vivencia um insulamento.

Osman Lins (1976) em sua obra **Lima Barreto e o espaço romanesco** elabora uma análise acerca da ideia do insulamento ou ilhamento. A princípio, é importante salientar que o insulamento está presente em grande parte das obras do escritor Lima Barreto, como por exemplo, **Triste fim de Policarpo Quaresma** e **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, em ambos, o autor incorpora a personagem apresentando os preconceitos e os ideais das pessoas. Contudo, esses protagonistas mantêm-se no insulamento, por fazerem parte de uma classe de excluídos e alienados.

Lima Barreto queria desmascarar as contradições sociais no Brasil, exclusão, submissão, opressão e preconceito, acreditava que através da literatura poderia transformar a sociedade em que vivia, tornando a mesma um lugar mais “humano”. Sua escrita foi fruto de muitas tensões sociais e motivo de muitas críticas, por tentar denunciar as mazelas da sociedade. Ao insulamento dos personagens de Lima Barreto, como Isaías Caminha e Policarpo Quaresma, soma-se a impossibilidade de se comunicarem (isolamento). Esse grupo de excluídos se choca com o “mundo de aparências” fazendo com que continuassem sempre à margem da sociedade capitalista.

O isolamento consiste na pessoa que está reclusa do meio social. Segundo a leitura de Osmar Lins (1976) a respeito de Lima Barreto, o isolamento foi necessário para que o autor pudesse exprimir os conflitos do criador com a figura criada, lançando o olhar para a sua própria vivência no mundo. Cada experiência apresentada nas obras de Lima Barreto são representações da vida atuante do escritor dentro da sociedade, “o isolamento, onde repercute, extremado, o de tantas personagens da sua ficção, a relatar, num tom meditativo e em que se sente o esforço para decifrar o mistério das coisas” (LINS, 1976, p. 47). Observa-se então, que nesse momento as personagens de Lima Barreto aproximam-se da protagonista de Clarice Lispector no que se refere ao insulamento social.

Macabéa é um ser que padece de insulamento, não só diante dos demais personagens que completam a narrativa, como também diante da sociedade carioca. A sertaneja é um ser que deixa transparecer o sentimento de solidão, alguém que está distante do meio social. A protagonista de Clarice Lispector não possui consciência de nenhuma ação, é pouco informada e não consegue estabelecer um diálogo consistente com as pessoas, isso faz parte tanto do insulamento quanto da alienação da alagoana. A nordestina era discriminada no trabalho e nas ruas por onde passava, porém, o preconceito sofrido pela personagem nunca foi

percebido por ela, pois era um ser alienado que apenas ia vivendo de qualquer jeito, sem nenhuma perspectiva de vida, apenas trabalhava para poder comer e manter-se viva.

A vida inteira de Macabéa da infância a fase adulta é marcada pelo fenômeno do ilhamento ou insulamento. Ela está sempre sozinha, não tem amigos e acaba vivendo solitária no mundo. Até mesmo quando a tia de Macabéa era viva, a protagonista nunca pôde contar com a presença da única pessoa de sua família, pois vivia pelos cantos “a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca” (p. 33). O insulamento da protagonista é tão grande que acaba impossibilitando a sertaneja de um dia poder construir uma família.

Diversos leitores ao entrar em contato com a obra de Clarice Lispector podem se questionar o porquê da escritora escrever um romance com uma personagem tão sem graça, tola e sozinha, uma mulher que não tem um valor significativo dentro da sociedade. Provavelmente, isso ocorra, porque uma das características dos romances de Lispector é o de ir ao encontro do subjetivo, buscando o lado sensorial de suas personagens. É possível perceber ainda, que a protagonista de **A Hora da Estrela** poderia ser natural de qualquer região do nordeste, a personagem não é representada de tal forma simplesmente por ser nordestina, pois seus dramas são essencialmente existenciais, nos quais suas vontades ficam reprimidas em um universo imaginário. Dessa maneira, nem o narrador, nem o autor conseguem estar no domínio da subjetividade dela, tudo isso devido à alienação da sertaneja.

A afirmação de Umberto Eco (2003, p. 15) de que “o homem, através da ficção, busca um sentido para a sua existência” permite perceber a relação entre a linguagem e a questão existencial apresentada por Clarice Lispector em sua obra. O fato de a personagem Macabéa apresentar uma falta de consciência de sua condição humana, e aceitar a sua realidade já a diferencia dos demais personagens, além de apontar certo distanciamento em relação às pessoas com quem convive.

A representação desta personagem é construída a partir de uma ideia vaga, o autor não sabe como iniciar a história da jovem que tanto o inquieta, “não sei de nada, ainda não me animei a escrevê-la. Terá acontecimentos? Terá. Mas quais? Também não sei. [...] tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante” (p. 22). Ao registrar esse fato, Clarice Lispector através de sua máscara ficcional, nos passa a ideia de que a ação dos fatos pode nos causar temor e ansiedade, já que a personagem é “incompetente para a vida”. Ou seja, Macabéa não passava de um ser inanimado ou um mero acaso. As características físicas atribuídas à protagonista: feia, encardida, mal cheirosa, inócua e virgem, torna esta

jovem mais miserável ainda, pois a figura dramática de Macabéa é comparada a uma “barata tonta”, ninguém a quer por perto, nem o seu namorado, Olímpico, a quem ela admirava.

Macabéa não sabia o que era admiração, mas sentia-se encantada com a imagem do nordestino que acabara de encontrar, como se estivesse em seu destino. Mas que destino? A protagonista de **A Hora da Estrela** mostrava-se extremamente tola / alienada para entender o que é o futuro ou coisa parecida. Ela vivia excluída do meio social e mesmo assim, essa condição de ser no mundo não a incomodava. Ela simplesmente não questionava nada sobre a marginalização que lhe era imposta, apenas pensava o porquê de tudo, mas se não entendia, acreditava que é porque ela não era digna de saber. E tudo continuava na mesma situação.

Enquanto Rodrigo S. M. tentava apresentar a personagem central da trama, o leitor vai percebendo que a personagem não possui nenhum traço de encanto, não era delicada, “[...] só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela” (p. 26). A sertaneja não sabia que não era amada, assim como “um cachorro não sabe que é cachorro”, por isso, Macabéa não se sentia infeliz, pois não tinha consciência da sua condição no mundo.

Ninguém sentia vontade de imitá-la, era opaca e também “um pouco encardida, pois raramente se lavava. [...] uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la” (p. 27). Mal sabia a companheira de quarto, que Macabéa era tão inocente, que não iria se importar com o comentário, não era de guardar mágoas de absolutamente nada.

Clarice Lispector narra as ações da alagoana através de Rodrigo S.M., portanto, para dar um caráter mais real à história de Macabéa, a escritora sente a necessidade de vestir-se como uma sertaneja, dando um valor mais significativo as ações da protagonista. Dessa forma, contará com mais propriedade as ações da nordestina

Para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha e rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste mesmo batendo à máquina (p. 20).

O exemplo acima permite perceber que a maneira como Clarice Lispector constrói a personagem reflete a condição humana que a nordestina se encontra. O narrador-escritor “troca” suas vestes para igualar-se a sertaneja e assim poder conhecer melhor os detalhes da nordestina, ela que é uma criatura impotente numa sociedade injusta. As ações de Macabéa

são tão pouco notadas, que dificilmente o leitor irá encontrar na narrativa um diálogo da protagonista com outro personagem.

Um fragmento representativo dessa circunstância, apresentada na obra é o estranho e cômico diálogo entre Macabéa e o namorado Olímpico, em um banco de praça pública. O namorado da jovem de dezenove anos não tinha paciência para ouvir as “baboseiras” da moça, falava que ela não era digna de que ele gastasse um centavo com ela, o próprio companheiro da moça a despreza sem nenhuma piedade. Os dois não combinavam em nada, a não ser, pelo fato de serem dois migrantes nordestinos. A comunicação entre o casal de namorados era extremamente limitada. É o que podemos acompanhar no diálogo a seguir:

Ele: - Pois é.

Ela: - Pois é o quê?

Ele: - Eu só disse pois é!

Ela: - Mas “pois é” o quê?

Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: - Entender o quê?

Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: - Falar então de quê?

Ele: - Por exemplo, de você.

Ela: - Eu?!

Ele: - Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: - Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: - Mas todo mundo é gente, Meu Deus!

Ela: - É que não me habituei.

Ele: - Não se habituou com o quê?

Ela: - Ah, não sei explicar.

Ele: - E então?

Ela: - Então o quê?

Ele: - Olhe, eu vou embora porque você é impossível!

Ela: - É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?

Ele: - Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.

Ela: - Acho que não sei dizer.

Ele: - Não sabe o quê?

Ela: - Hein?

Ele: - Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?

Ela: - Sim, está bem, como você quiser.

Ele: - É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.

- É?

- Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?

- Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender (p. 48-49).

Se olharmos o início do diálogo, observamos que existe apenas um “pois é”. O que podemos pensar a respeito dessa situação é que o leitor espera que antes dessa colocação haja um assunto, porém, não há. A estrutura da narrativa é quebrada. No diálogo entre o casal de

namorados, aparentemente, mostra-se um lado sarcástico. Não eram de trocar muitas palavras, porém, nesse momento, o leitor já percebe a condição que a protagonista se encontra, ao mencionar que ainda não se habituou a “ser gente”. Macabéa, apesar de estar na mesma condição que Olímpico pobre e nordestino, não consegue ter acesso ao “universo” do namorado.

Olímpico tinha sonhos, era ambicioso e se baseava nas experiências que adquiria com a sua vivência no mundo. Já Macabéa, era o oposto do que seu namorado almejava para a vida dele. Podemos afirmar que Macabéa não fazia parte das aspirações de Olímpico. Ele sonhava alto demais, para querer estar ao lado de uma pessoa que nem ao menos se reconhecia como gente. A nordestina apresentava uma falta de identidade, um distanciamento de expressão e conseqüentemente, da linguagem.

Ainda no diálogo podemos observar que Olímpico ameaça ir embora por Macabéa “ser impossível”. A moça, sem ter consciência ou ter dificuldade de se encontrar no mundo, pede ajuda ao namorado para que ela se torne alguém “possível”. Aparentemente, a nordestina parece ter consciência de que tem problemas de se moldar as coisas do mundo. Mas com medo de aborrecer o seu namorado, simplesmente aceita ser aquilo que ela é “não muito gente”.

Rodrigo S.M. ao narrar à trajetória de Macabéa, fala-nos da única “relação amorosa” que a personagem teve durante o decorrer de sua vida, um romance frustrado, cheio de decepções. O único laço que ligava Olímpico e Macabéa era o fato de ambos serem nordestinos e estarem à margem da sociedade carioca.

A retirante, além de ter uma cidade construída totalmente contra a ela, tinha que lidar com as indiferenças e menosprezo de seu namorado. Segundo o narrador da trama

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre a-doce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que – só agora estou percebendo – não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e de pouca sombra faziam no chão (p. 47).

O casal de namorados encontrava semelhanças entre si, os dois aproximavam-se, no entanto, em relação ao amor fraterno, eles pareciam mais irmãos do que namorados. Essa identificação ocorria devido ao local de origem de ambos, tinham passado pelas mesmas condições de *ser* no mundo, seres “ignorantes”, acostumados com pouco, vivenciam o drama

da seca e da fome do lugar em que viviam, tiveram pouco acesso ao estudo e a única coisa que faziam era viver um dia após o outro. Os sinais da fome, representados pelos migrantes nordestinos eram tão perceptíveis que Clarice Lispector ironiza o casal afirmando “só sei que eram de algum modo inocentes e de pouca sombra faziam no chão (p. 47)”. Apesar da existência de apenas uma faísca de vida em Macabéa, ela ainda teve a “sorte” de encontrar um namorado. Um “metalúrgico e datilógrafa formavam um casal de classe” (p. 45). Ambos acabavam se reconhecendo um no outro, pois de certa forma, eram vítimas do mundo.

Ao observamos mais detalhadamente a personagem Macabéa, percebemos que a jovem é apenas uma sertaneja simples, que se encantou por Olímpico desde o primeiro momento que o viu. Mal sabia ela, que o moço educado pelo qual ela estava apaixonada, não passava de um aproveitador, que se aproximava das pessoas com o intuito de enganá-las. Olímpico era falso até no nome, para dar a impressão de um ser superior mentiu para a namorada não revelando a sua verdadeira identidade. Em um dos encontros do casal, Macabéa decidiu perguntar o nome de seu “grande amor” e ele, cheio de si, respondeu sem hesitar: “- Olímpico de Jesus Moreira Chaves, mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai” (p. 44).

A verdade é que Olímpico foi criado por um padrasto que lhe ensinou desde cedo à maneira de como tratar as pessoas para tirar proveito delas. Na metalúrgica onde trabalhava como operário, pegava tudo o que estava ao seu alcance, roubando seus próprios colegas de trabalho. Como não podia exibir o objeto roubado no meio dos outros operários, fazia isso, nas ruas do Rio de Janeiro. Macabéa, nunca ficou sabendo dessa “esperteza” de Olímpico, pois ela não tinha o que questionar, ou melhor, não sabia o que questionar.

A migrante nordestina, que tinha saído do sertão, um lugar desfavorecido economicamente, vai para uma cidade que está cheia de inovações. Segundo Antunes (2002, p. 126) “para os nordestinos, migrar adquire a representação social de superação da miséria, de encontro de um lugar social (de “excluídos” passariam a “incluídos”)”. Isto, apenas enfatiza a ilusão de Macabéa em relação à cidade do Rio de Janeiro, pois além da sertaneja continuar vivendo em situação de miséria é invisível perante a sociedade.

A protagonista ao encontrar o livro **Humilhados e Ofendidos** sobre a mesa do Sr. Raimundo, o patrão da sertaneja, parece ter uma identificação com o mesmo. Podemos perceber que ocorre um lampejo de consciência, pois a moça, que nunca foi ambiciosa, até mesmo pelo fato de não saber o que é ambição, almejou ter em mãos aquela obra. Ao olhar o

título do romance, ficou admirando e acreditando que este poderia ser o seu referencial no mundo:

Nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixaria sobre a mesa. O título era *Humilhados e ofendidos*. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definindo numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou a conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (p. 40).

Clarice Lispector impulsiona o narrador/escritor (Rodrigo S.M.) a fazer indagações sobre a protagonista, para assim, conhecermos um pouco mais sobre a identidade de Macabéa. A vida da sertaneja é um mistério e acaba causando angústia no leitor ao se deparar com uma personagem tão “sem voz”. Confirmamos tal ideia no trecho em que o narrador escreve: “enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” (p.11). Se Macabéa ao menos questionasse sobre a sua existência, saberíamos que ela possuía um lugar na sociedade.

A representação social possibilita ao sujeito fazer uma leitura da realidade, para isso, o leitor terá como referenciais elementos que partem de sua vivência no mundo. Talvez, se Macabéa possuísse estudo ou se sua infância não tivesse sido tão reservada, provavelmente, essa sertaneja saberia que o comportamento designa o lugar do indivíduo no meio social. A retirante era vazia, até mesmo o nome da alagoana, não passava de um artifício irônico utilizado por Clarice Lispector para mostrar o quanto essa personagem era alienada. Nádia Gotlib (1998, p.2) assinala que Macabéa “não tem condição de construir uma história, já que, à margem dos trilhos que direcionam os acontecimentos, a personagem vive da cultura de sucata: sobras dispensadas pelos outros, os que têm”. Em outras palavras, a nordestina é apenas uma mulher, sem voz e sem oportunidades.

O narrador Rodrigo S. M., por ser o “escritor” da história, se empenha em apresentar a protagonista, denunciando também as injustiças da sociedade. No decorrer do enredo, ressalta um fato marcante no ano de 1976, o terremoto na Guatemala:

O registro que em breve vai ter que começar é escrito sobre sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás foi ele quem patrocinou o último terremoto em Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque – e vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo – porque essa bebida

que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente (p. 23).

A apresentação desse produto no decorrer da trama, chama atenção por estar fazendo alusão a dois fatores importantes recorrentes na sociedade do período. O primeiro, por frisar o crescimento da industrialização, várias marcas vão obtendo um grande crescimento comercial (sabão Aristolino, refrigerante Coca-Cola)<sup>2</sup> e com isso, o consumismo também vai aumentando. O segundo é a crítica que Clarice Lispector faz, por meio de sua máscara ficcional, ao denunciar o envolvimento de uma marca multinacional na participação de guerras e terremotos.

Outro ponto que vale ressaltar é o gosto da sertaneja pelo refrigerante Coca-Cola, esse produto faz com que Macabéa se identifique dentro da sociedade. A alagoana encontra nesse signo uma forma de reafirmação dela como um ser. Mesmo continuando na mesma condição de vida, pobre e feia, ela se satisfaz em dizer: “sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola” (p.36). Esta era uma maneira dela não esquecer sua identidade no mundo.

Diante desses elementos, o leitor começa a abrir um leque de informações que antes, provavelmente, nunca havia analisado. O leitor vai entendendo que, a história de Macabéa é “verdadeira embora inventada” (p. 12). A literatura por ser um reflexo da realidade traz esses elementos para o texto, tornando-o cada vez mais belo e fantástico. Desta forma, uma obra literária tanto pode apresentar elementos ficcionais, quanto informações sobre a realidade, nos situando no momento histórico em que ocorre a narrativa. Por mais que os fatos não sejam reais, somos levados a refletir sobre todos os acontecimentos da narrativa, levando em consideração os detalhes, o tempo, espaço, enfim, tudo que conduza o leitor a viver as diversas histórias que não se pode viver no seu cotidiano.

### **1.1 Relação entre literatura e sociedade**

Através da literatura o escritor pode apresentar marcas de discursos individuais ou coletivos, estes são gerados a partir de sua vivência na sociedade. Em **A Hora da Estrela**, a autora alia os fatos narrados à vida real, não deixando de lado o “mundo imaginário” que compõe a literatura. Para configurar o insulamento de Macabéa no romance, Clarice Lispector faz a ligação desse mundo imaginário com a sociedade. Vilma Arêas (2005) elabora uma

---

<sup>2</sup> Em anexo, imagens de propagandas antigas do sabão Aristolino e do refrigerante Coca-Cola.

análise do romance de Clarice Lispector ressaltando os vários aspectos que a narrativa apresenta, como o lado cômico, sarcástico e *circense* que a protagonista possui:

adequadamente, a simplicidade do enredo de **A Hora da Estrela** é menos trama que, às vezes, sucintas direções de palco, e funciona como mero suporte a *tiradas* que ficam a um passo do nonsense, mas com funcionalidade dupla: humor e sátira social. Por exemplo: Macabéa sonha em amestrar pulgas (número circense chapliniano), pois não se pode dar o luxo de ter um cão; deseja comprar um buraco (por ameaça da seca e da importância de poços); e imagina lamber os potes de creme de beleza (ARÊAS, 2005, p. 103).

Os problemas que ocorrem na sociedade são apresentados de forma cômica. Se observarmos a citação: “imagina lamber os potes de creme”, percebemos que a expressão gera uma crítica em relação à classe social da personagem. Macabéa, sem perceber, atribui aos produtos de beleza uma nova funcionalidade, acredita que comendo os potes de creme poderá saciar a fome ou quem sabe, solucionar a questão da feiura de maneira mais rápida e eficaz.

Durante a narrativa do romance, vamos encontrando afirmações de que a linguagem da trama é bem próxima do que presenciamos nos dias atuais, a diferença de classes sociais entre as pessoas que “tem e as que não têm” e Macabéa, simplesmente não tinha. Ela era limitada em vários sentidos: educação, vida social, trabalho, estética, enfim, ela era privada de tudo que se aspira em uma sociedade capitalista.

Clarice Lispector ao criar a protagonista do romance levanta grandes críticas à sociedade. Faz referências a fatores importantes decorrentes no meio social, como por exemplo: a fome e a marginalização do ser humano. Esses pontos de referência nos faz ver através da literatura uma intrínseca relação com a sociedade.

Por meio do texto literário o autor se comunica com o leitor, interagindo com o mesmo de forma indireta. Dessa maneira, entendemos que há um elo entre a literatura e a vida do sujeito-leitor, que pode considerar a mesma como formadora de identidade devido às reflexões que a mesma suscita. A relação intrínseca da ficção com a realidade instiga o leitor a levantar questões sobre a sua identidade. De acordo com Erik H. Erikson (1976, p. 01) “a identidade é um processo de ajuste do mundo interior da pessoa e daquilo que lhe é externo, ou seja, o social, permitindo-lhe localizar-se no espaço em que está inserida”. Segundo alguns estudiosos, a formação da identidade do sujeito acontece em alguns momentos de forma consciente e, em outros, inconscientemente. Dentro destas definições, faz-se necessário destacar o papel da literatura na construção da identidade dos sujeitos.

Portanto, a literatura passa a ser fonte de conhecimento para aquele que possui interesse pelos fatos da realidade, mesmo que estes estejam permeados pela ficção, pois esta é uma das características da literatura, fazer com que o leitor possa percorrer caminhos que não puderam ser vivenciados no cotidiano, conhecer histórias de personagens alienados, como a protagonista Macabéa.

Por meio da leitura do romance **A Hora da Estrela** o leitor se debate com alegrias, risos, decepções, raiva, sentimentos que levam o sujeito a aguçar o olhar dando uma ressignificação ao “eu”. Sob esta perspectiva, a literatura propõe uma ligação entre o mundo imaginário e o real, permitindo que o leitor mergulhe neste emaranhado de signos e ao identificar-se com estes, construa sua identidade. Provavelmente, esse seja um dos motivos que faz com que Macabéa não se reconheça como um “ser no mundo”. Pois, ela não tinha leitura, era uma semianalfabeta que mal sabia se comunicar. Claro, que esta condição não destituiu ninguém de ter uma identidade, pois a construção desta, também engloba aquilo que o sujeito pensa e sonha (mundo interior).

Compreende-se que a relação literatura/ sociedade, não é direcionada apenas a sociedade da elite, ela também inclui a classe dos marginalizados. Analisando a obra **A Hora da Estrela**, pode ser notado que todas as questões, por mais simples que possam ser, leva o leitor a refletir sobre o lado social, a situação do ser no mundo. Todas as ações das personagens têm um significado que não sabemos responder de imediato, só a partir do decorrer da narração é que podemos obter respostas que até o momento podem ter ficado sem explicação.

O leitor deve se posicionar criticamente frente a todas as situações, mesmo as mais exageradas. Pois ao ler, o conhecimento do sujeito não fica limitado, pelo contrário, percebemos com mais nitidez não só as ações dos personagens da trama, como também, as ações humanas, visando todos os aspectos do indivíduo (físico e psicológico).

A literatura possui um dinamismo que tem a capacidade de moldar uma sociedade.  
Segundo Antônio Cândido (1980)

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CÂNDIDO, 1980, p. 74).

O leitor que vivencia a literatura como parte de sua vida, acaba trazendo para o seu cotidiano grandes reflexões. São lições que o sujeito vai adquirindo de maneira involuntária, basta, entrar em contato com a obra literária que é possível perceber que a visão de mundo do indivíduo vai se modificando, essa é a forma mais intensa que a literatura pode agir na vida de uma pessoa, chamando a atenção sobre a verdade e a realidade.

Tomemos como exemplo simples, o próprio romance **A Hora da Estrela**, este, mostra dimensões sociais evidentes, tais como: referências a espaços (Maceió, Alagoas, Rio de Janeiro), manifestações de atitudes dos personagens, classe social, cultura, identidade, representação, entre outros. Cada dimensão são aspectos sociais que temos que entender de maneira que possamos compreender o seu significado.

Não podemos confundir ficção com realidade. Contudo, devemos levar em consideração a presença de elementos que podem confundir-se com o meio em que vivemos. Se voltarmos o olhar para a protagonista de **A Hora da Estrela**, percebemos que há certas dimensões sociais evidentes, tais como: referência ao comportamento, roupas, a lugares e classe social. Esses subsídios apresentados na obra assemelham-se a uma extensão social.

Muitas obras literárias servem como auxílio para apontar aspectos sociais, como assinala Antônio Cândido (1980, p. 10) “as obras espelham ou representam a sociedade”. Constituindo basicamente em estabelecer relações entre os aspectos reais com os ficcionais. Nádya Gotlib (1995) aponta que a maneira que Clarice Lispector descreve Macabéa (desajeitada, esquisita, encardida, feia) pode provocar no leitor um pouco de riso, porém, essa construção se desfaz a partir do momento que este se depara com a condição miserável da sertaneja alagoana.

Como se não bastasse ter nascido e vivido no lugar que é a própria metáfora da “fome e da miséria”, a personagem vem para o Rio de Janeiro e tenta, como a maioria das pessoas da cidade, sobreviver no “cenário agressivo” de uma grande capital (GOTLIB, 1995, p. 88).

No romance **A Hora da Estrela** notamos que a crítica vem à tona a cada frase escrita por Rodrigo S. M. mesmo consciente de que a narração conta uma história fictícia, ela não deixa de ter uma dimensão do real. No entanto, devemos ter cuidado para não confundirmos a ficção com a realidade, ainda que as fronteiras sejam deslizantes, encontramos relações entre essas duas instâncias.

Macabéa apresenta incompatibilidade com a cidade do Rio de Janeiro. A jovem nordestina “vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (p. 29). A

inadaptação dessa sertaneja a um mundo diferente do seu, afasta a protagonista da possibilidade de promover um “choque” entre esses dois mundos. Esse antagonismo entre o “mundo” de Macabéa e a sociedade, nos passa a ideia de ruptura, desenraizamento. A personagem representa tudo o que há de feio, desagradável e indecoroso. Assim, ela passa a integrar a classe dos excluídos.

Macabéa é rejeitada até mesmo ao apresentar-se para o seu namorado Olímpico. Em certa situação, o jovem nordestino aproxima-se da sertaneja e pergunta:

-E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

-Macabéa.

-Maca, o quê?

-Béa, foi obrigada a completar.

-Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.(p. 43).

A dificuldade de compreender o nome da alagoana faz com que Olímpico pergunte novamente. Sem hesitar, ela responde como se seu nome fosse algo natural. Macabéa, não tinha consciência de que seu nome era tão feio quanto ela própria. Além do nome, a nordestina se aproxima da metáfora da fome, pois chegava a comer papel para amenizar os ruídos do estômago e o luxo que se dava “era tomar um gole frio de café antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar” (p. 33). Mesmo com a dor, ela gostava de sentir azia, pois os ruídos era um sinal de que existia vida dentro dela. Macabéa não reclama do sarcasmo de Olímpico e continua olhando- o como se fosse o ser mais inteligente do mundo, a alienação da nordestina é tanta, que ela nem percebe o ar irônico de Olímpico.

Além do sarcasmo de Olímpico, Macabéa tinha que se acostumar com o pânico, que o silêncio da Rua do Acre lhe causava. Por mais que a metrópole fosse “sinônimo” de barulho, movimento e agilidade, na zona suburbana, onde residia a nordestina (e os demais nordestinos que ao migrar ficam sempre ao lado oposto da classe dos privilegiados) à noite, o silêncio cobria a rua do Acre, era raro passar carros, pessoas, ou qualquer coisa que viesse a fazer algazarra. Isto causava medo em Macabéa.

De fato, a cidade sempre foi o pior “inimigo” de Macabéa, mesmo ela não tendo consciência disso. Por mais que as pessoas não dessem sinal de que percebia a sua presença, ela gostava da luz do dia, porque ao menos ela via pessoas, o movimento do cais, os cachorros pelas ruas e os soldados a fazerem rondas pelas rodovias. Um dos piores momentos de sua vida, não era a fome, apesar de esta lhe castigar a todo instante, o que lhe acontecera de mais

triste, era o cair da tarde, pois entrava em meditação, o vazio lhe cercava e isso lhe assustava, porque passava a refletir sobre coisas que ela não entendia.

Embora Macabéa não seja “dona” de suas ações, o seu olhar em relação à vida, causa angústia no leitor, pela personagem nunca ter uma opinião formada, diferenciando-se de outras protagonistas que além de “ter voz” possui de certa forma, características sociais e culturais que são atribuídas a elas. De fato, a representatividade da jovem sertaneja, não é vista de forma positiva perante a sociedade.

Rodrigo S.M. ao descrever a protagonista, se apropria de termos do cotidiano para tentar adaptar a personagem ao meio social, reproduz falas do coloquial dando um efeito mais expressivo à trama. A linguagem utilizada faz com que o autor se aproxime do leitor atribuindo sentido a narrativa. Ou seja, a partir da aproximação do escritor/ criador com o leitor, a literatura vai concedendo ao sujeito uma nova maneira de conhecer a realidade.

Em vários momentos podemos ver em Macabéa o “retrato” da sociedade (pobreza, exclusão, alienação, miséria), no capítulo II, trataremos um pouco mais sobre a maneira que a protagonista da obra é descrita. Uma personagem feminina que desestabiliza os estereótipos das outras mulheres representadas no cânone literário brasileiro. Como exemplo, podemos citar a personagem *Helena* personagem de Machado de Assis, que em sua obra, descreve uma protagonista sensível, romântica, forte e decidida, o oposto da personagem de Clarice Lispector.

## 1.2 Representação literária da pobreza

A palavra *pobreza* pode designar a condição que uma pessoa se encontra dentro da sociedade. A cada dia, é notório que esse vocábulo não se refere somente à condição de um sujeito, e sim a um grupo que muito antes da *Idade Média* vêm crescendo e se transformando em uma classe social (excluídos). Cyro Filho (2009, p. 03) nos diz que “Os pobres adquirem, na ótica cristã do período, um caráter de funcionalidade: sempre devem existir pobres, para que os *não-pobres* possam assisti-los, qualificando-se como bons cristãos”. Ou seja, a pobreza era uma condição necessária para que as pessoas pudessem ser caridosas. Mas, se voltarmos o olhar para a protagonista de **A Hora da Estrela**, quem deverá ter piedade dessa pobre diaba que nem religião tinha?

Macabéa orava não porque acreditava em Deus e sim, porque desde criança aprendeu com sua tia beata que devia pedir perdão pelos seus pecados, rezava mecanicamente, mais sem Deus, “ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia” (p. 34). A pobre sertaneja não entendia o que era adorar ou pedir a intercessão a um *Ser* que é maior que todos os mortais (concepção bíblica).

Clarice Lispector através do narrador/ escritor Rodrigo. S. M., aborda questões como a ingenuidade do ser humano, caráter e também a representação da pobreza. Macabéa não tinha cobiça, pois aprendeu que as coisas são dos outros, ela não tinha o direito de sentir desejo e se ousasse a ter, era pecado. A protagonista da história era honesta e não desejava possuir nenhum bem material. Sua única magnificência era gostar de queijo com goiabada, o que é sinal de luxo para quem é pobre.

A autora apresenta em sua obra questões sobre a existência humana (o ser no mundo). O texto literário oferece espaço para que o autor possa expor livremente as suas ideias, criar um “mundo imaginário”, que leve o leitor ao conhecimento da realidade. Macabéa identificava-se melhor com o irreal do cotidiano do que com a própria realidade. Por isso ela vivia em “câmara leeeenta, lebre puuuuulando no aaaar sobre os ooooouteiros, o vago era seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza” (p. 34). Nota-se que ao relatar o ritmo de vida da sertaneja, há um efeito cômico, um marasmo que cerca a pobre nordestina, que não toma consciência da sua existência.

No texto literário podem estar presentes ou não, crenças e valores do autor do texto. Apesar de Clarice Lispector criar o narrador/escritor para contar a história da pobre sertaneja, a “máscara” utilizada por ela acaba deixando transparecer a falsa identidade

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas (p. 13).

A autora percebe a necessidade de criar um narrador/escritor masculino, porque sente que um escritor do sexo feminino pode estabelecer uma empatia ou sentir piedade ao falar da personagem que é o retrato fiel da miséria.

Como já mencionado, Macabéa é a metáfora da fome, da dor, da feiura, de tudo que pode ser classificado como pobre. Não poderia ser chamada de trabalhadora, pois era do tipo

de pessoa que não sabia sobre a importância do trabalho, trabalhava apenas para garantir o “pão de cada dia”, só o alimento bastava. Às vezes a nossa personagem dava-se o luxo de ir ao cinema uma vez ao mês, quando o seu chefe realizava o seu pagamento. Assim era a vida da simples sertaneja, vivia em um estado de pobreza e estar nessa condição, significa fazer parte de uma classe econômica/ social, fora dos padrões elitizados. A representação de Macabéa dentro da sociedade, apenas confirma o cerco que o pobre é submetido no meio social.

A identidade da nordestina é reduzida a osso, ciclo final da vida. Apesar de ser resistente, passando por inúmeras desgraças, como por exemplo, ter perdido seus pais quando ainda criança e ter sido criada por uma tia que a agredia, ainda assim, o narrador da trama, Rodrigo S.M, ao falar da sertaneja, afirma que “a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim” (p. 31). Igualar um *ser* a condição de “capim” significa que a sua posição não passa de algo “rasteiro”, sem perspectiva de vida (sem crescimento), retrato da pobreza.

O “mundo dos pobres” também é um fato marcante dentro da obra **A Hora da Estrela**, principalmente ao falar de Macabéa, uma sertaneja “enfraquecida”, que escapa ao conceito de Euclides da Cunha em **Os Sertões**, quando defende com fervor que “o sertanejo, é antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1984, p. 51). Essa característica que o escritor apresenta sobre o sertanejo é rasurada por Clarice Lispector ao retratar uma nordestina sem perspectiva de vida, fragilizada e alienada. Macabéa não representa o estereótipo de uma nordestina guerreira que luta contra a seca e a miséria no espaço em que vivia. Apesar de inconscientemente demonstrar um ato de coragem ao deixar o sertão partindo para o Rio de Janeiro, a protagonista continua sendo o oposto de quase todos os nordestinos que estão acostumados a enfrentar com pulso forte as terríveis condições de vida.

No romance **A Hora da Estrela**, Clarice Lispector ressalta na dedicatória: “E- e não esquecer que a estrutura do átomo não é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar” (p. 10). A protagonista é justamente isso, um átomo, aquilo que não se vê, apenas sabemos de sua existência, um ser invisível e pequeno, que não se destaca em nada. As “coisas” que Clarice Lispector afirma não ter visto, provavelmente só serão descobertas a partir da escrita, pois o autor, no processo de criação, não conhece a história por inteiro. É o que ressalta a autora: “Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já

que nunca o vivi?” (p. 12). Somente escrevendo, a autora começa a dar forma à história da nordestina que vive em extremo insulamento.

Historicamente o Nordeste virou sinônimo de pobreza. Provavelmente essa ideia foi gerada a partir da década de 1930, século XX, momento em que ocorreu um grande fluxo de migração para as grandes metrópoles (São Paulo e Rio de Janeiro) o motivo, geralmente era o mesmo: fuga da seca, da fome e da miséria. Por essa razão e também por causa de organizações políticas ou recortes tendenciosos feitos sobre o Nordeste, a imagem do nordestino ficou relacionada à inferioridade e ao atraso. Ao entrar em contato com os centros das grandes cidades, esses migrantes começam a aglomerar-se nas zonas suburbanas (periferia) e passa a viver dentro de um sistema de exclusão.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr. a construção do Nordeste passa a ser pensada sempre a partir da seca

A retirada, o êxodo que ela provoca, estabelece uma verdadeira estrutura narrativa. Uma fórmula ritualística de se contar uma fuga de homens e mulheres do sertão que lembra a própria narrativa cristã da saída dos judeus do deserto. As estações das desgraças crescentes vão se sucedendo até se chegar ao litoral ou a terra prometida do Sul. Além disso, o fato de a seca ser um fenômeno que ocorria secularmente na área era fundamental para se instituir a região como um espaço também portador de uma história secular. Se as secas sempre existiram, o Nordeste, “terra das secas”, também sempre estivera. Ela era garantia da continuidade e da eternidade deste espaço regional, mesmo que fosse na desgraça e na miséria (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 121).

O Nordeste, a partir dessas visões negativas, está condenado às cinzas, isolamento, fome e sede. É o espaço da fuga, onde as pessoas tinham seus destinos marcados pela dor e sofrimento. Quase todos os nordestinos, ao chegarem à cidade do sudeste, são caracterizados como pessoas primitivas, ignorantes, sujeitos que não tem educação, desprovidos de capacidade perante a sociedade, além disso, são condenados ao isolamento e a solidão, vivem em um sistema capitalista fechado, no qual, é quase impossível inovações. Sertanejos que saíram à procura de melhores condições de vida continuam sendo miseráveis, implorando por trabalho para não morrerem de fome, apesar de continuarem vivendo em estado de pobreza.

De acordo com Albuquerque Júnior, a pobreza é vista como uma “situação irremediável fruto de uma desigualdade natural entre homens, sendo uma condição comum com a qual se deve conviver com dignidade, sem baixezas” (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 134). Diante das mazelas da sociedade que maltratam e alienam os menos favorecidos, o migrante nordestino, ainda vive com dignidade apesar das inúmeras dificuldades encontrada

nas metrópoles. Os nordestinos começam a ser discriminados, devido o seu linguajar ou modo de vestir. Sua aparência é moldada a partir das fraquezas do espaço em que vivia, assim era a protagonista de Clarice Lispector, excluída do meio social por possuir pouco estudo, vestir-se de chita, não ter uma aparência apresentável perante a sociedade e por ser completamente desprovida de beleza.

A representação literária contém, assim, um caráter político, num sentido de desconstrução de atitudes discriminatórias. Macabéa não se sentia discriminada, porém, o leitor percebe que a mesma é excluída do meio em que vive. De certa forma, a escrita do enredo acaba provocando um pouco de aflição no leitor da narrativa, pois a “falta de consciência” da protagonista faz o sujeito ir à procura de respostas e possivelmente essa busca o conduza a aguçar cada vez mais o seu olhar perante a leitura da trama.

Se durante muito tempo, a pobreza despertava apenas um sentimento de caridade, o texto literário aponta outras discussões acerca dessa questão. A pobreza passa a ser motivo de vergonha para a sociedade, pois ela caracteriza a feiura, e tudo que é considerado horrendo, causa estranheza perante os que não possuem as mesmas condições de vida. O texto, por sua vez, pode levar o leitor a indagar sobre a sua condição perante a sociedade.

O que é ser pobre? Segundo José Paulo Paes,

“Pobre” se diz de quem se acha falto ou privado do necessário; de quem foi mal dotado ou pouco favorecido; por extensão, de quem seja infeliz, desprotegido, digno por isso de lástima e compaixão. Compadecer-se é etimologicamente, padecer junto, mas – atenção – em posição de superioridade. Magnanimamente abdicamos, por um momento, do nosso conforto de não- sofrendores para, sem risco pessoal, partilhar o sofrimento de alguém *menos* afortunado e por conseguinte *inferior* a nós. De alguém a quem possamos entre depreciativa e compassivamente chamar de “pobre diabo” (PAES, 1990, p. 39).

Nota-se que as “pessoas caridosas” em relação aos pobres não está no nível de igualar-se aos mesmos. Isto pode ocorrer momentaneamente, mas o pobre continuará mantendo a mesma condição de inferioridade perante o outro. Nesse sentido, percebe-se que sempre haverá alguém no nível social mais elevado, compadecendo-se diante das injustiças sociais, para que assim, possam ter o privilégio de chamar o menos favorecido de “pobre diabo”. Aquele é visto como passivo, sem voz e sem conhecimento.

A pobreza, depois da seca, é o primeiro elemento para definir o nordeste. Quando Clarice Lispector retrata a imagem de Macabéa e Olímpico na trama, sentimos que há uma grande relevância para a narrativa, uma vez que os estereótipos traçados acerca desses

personagens resultam em efeitos negativos em sua trajetória social. Nenhum desses personagens tem um futuro invejável, ambos, vivem em um mundo de sonhos e desejos inalcançáveis.

Embora esses “pobres diabos” possam ter um lugar no mundo, continuarão sendo “perseguidos” por causa de sua classe social. O perfil desses sertanejos já está “rotulado” como seres indesejáveis, feios, pobres e nordestinos. A posição desses sujeitos dentro da sociedade será sempre vista como algo pejorativo e resultará sempre na exclusão social.

### **1.3 Entre o riso e estereótipo: a migrante nordestina**

Ao registrar as dificuldades de Macabéa em sua adaptação na cidade do Rio de Janeiro, Clarice Lispector registra também a migração dos nordestinos para outros espaços da grande metrópole, onde se deparam com diferenças nos valores culturais, sociais e econômicos. Macabéa compõe o universo urbano carioca dos anos 70 do século XX, é uma jovem que migra do estado de Alagoas para a grande metrópole em busca de melhor condição de vida, como já mencionado anteriormente.

A protagonista da obra **A Hora da Estrela** “carrega” uma carga de estereótipos negativos perante a sociedade. Esses estereótipos são motivos de risos entre aqueles que valorizam apenas o físico do sujeito. São aspectos valorativos que são recebidos cotidianamente e que podem influenciar no comportamento do sujeito. Macabéa, além de trazer marcas de uma infância sofrida, era “vítima” da exclusão social, por ser possuidora de todas as características negativas para a sociedade.

A figura do nordestino estigmatizada corresponde a algo sempre muito pobre e feio. A sensação de estar deslocado do meio social passa a ser comum entre os nordestinos que migraram para o sudeste do país, um lugar considerado como um local de avanço ligado ao crescimento industrial. Já o Nordeste, foi reduzido a tudo que corresponde à pobreza, a seca, a fome e a miséria, resultando assim, em pessoas marginalizadas e pouco significantes para o meio social de uma metrópole. Aos nordestinos restava quase sempre o trabalho pesado e pouco valorizado na grande cidade.

Devido ao aumento da população nos centros das grandes metrópoles, os migrantes nordestinos que passavam pelo processo de desenraizamento, foram morar na periferia da cidade. O lugar que era visto como um local propício para boas mudanças, não condiz com os

sonhos desses nordestinos, dessa forma, começam a conviver com a “pobre” realidade que os cercavam. Não reclamando de seus direitos e sendo facilmente manipulados, exatamente igual à situação de Macabéa, que vivia alienada dentro da grande metrópole do Rio de Janeiro.

Rodrigo S. M. ao descrever a migrante, a mulher de aparência estranha e raquítica, também frisa que a personagem ficava olhando as vitrines das lojas, admirando os objetos que ela jamais teria condições de comprar, fato, que enfatiza o avanço do capitalismo em uma sociedade excludente que valoriza os bens materiais e despreza os indivíduos menos favorecidos. Macabéa era incapaz de despertar a atenção de qualquer um, não passava de uma proletária semianalfabeta. Além de ser rotulada por sua feiura, era passiva e conformada.

Vale ressaltar, que além da migrante ser inócua, a mesma, é comparada a um animal. Esse estereótipo que animaliza a nordestina, ora provoca riso no leitor, ora piedade. Assim, Clarice Lispector através da máscara ficcional relata o primeiro encontro de Olímpico e Macabéa, “o rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam” (p. 43). Percebe-se, no entanto, que os nordestinos são caricaturados, reforçando ainda mais a condição dos sertanejos como seres ignorantes.

Através da trajetória de Macabéa, essa retirante que se encontra em situação de miséria, é confirmada o estereótipo dos nordestinos como pessoas lentas, incompetentes e sujas. Além do mais, deixa evidente que os migrantes nordestinos são desprovidos de conhecimento, um povo sem cultura e que não tem capacidade de desenvolver-se em nenhum aspecto social. O preconceito cerca a região do Nordeste, e esta, passa a ser o último local para uma pessoa viver, assim frisa Rodrigo S. M. ao narrar o local de origem da protagonista, “[...] no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas” (p. 28). Nesse sentido, o ambiente nordestino transforma-se no pior local para o sujeito ter uma vida com dignidade.

Enfim, por meio de inúmeras ironias, Clarice Lispector vai criticando a postura das pessoas que não são receptivas às necessidades do outro. A protagonista do romance é o retrato do “pobre diabo” que se encontra perdido na cidade grande. Dessa forma, Macabéa passa a ser a imagem mais degradante que podemos ter de uma sertaneja.

## 2 FIGURAÇÕES FEMININAS EM *A HORA DA ESTRELA*

Ao refletir sobre as mulheres presentes na obra **A Hora da Estrela**, nos deparamos com a construção de várias figuras femininas, cada uma delas nos conduz a diversas discussões. Porém, antes de entrarmos na análise dessas figuras que são destaques no romance, iremos entender um pouco sobre a identidade feminina no contexto social.

A constituição da identidade feminina, durante muito tempo, foi marcada pelo discurso de homens que sempre deixaram claro o preconceito e a discriminação em relação a tudo que se referisse à posição da mulher na sociedade. As mulheres de modo geral, eram vistas como aquela que já nascia predestinada a casar, ter filhos e por fim, ser uma dona de casa. Essas habilidades para tornar-se uma mulher “prendada” eram ensinadas desde cedo. Ainda criança, a menina era educada no intuito de tornar-se uma verdadeira “Rainha do Lar”. Era uma espécie de modelo padrão, a mulher não teria direito ao estudo, para não tornar-se superior ao homem, não poderia trabalhar, não teria direito a voto, ou qualquer outro tipo de participação na sociedade.

Segundo Lúcia Facco

A mulher [...] não pode sentir prazer, não frequenta o espaço público. A ela é destinado o espaço privado, a casa, onde se responsabiliza pela educação dos filhos. A ela deve bastar a maternidade. O que é natural, como a pulsão sexual, passa a pertencer ao plano social, cultural e histórico. O sexo feminino passa a ter apenas a função de procriação. Feminino, pois os homens podiam procurar o sexo improdutivo com as prostitutas (FACCO, 2008, p. 33).

Em meados da década de 1960, com os movimentos feministas, esse paradigma é quebrado. As mulheres passam a ter diversos direitos, e não somente deveres como fora estabelecido anteriormente. Essa evolução feminina resultou em fatores positivos e negativos, pois, por um lado, as mulheres ganharam mais autonomia e começaram a ter “voz” na sociedade. A imagem que a mulher passava já não era de um ser submissa e sim, de mulher independente e livre, tanto em relação ao seu corpo, quanto em relação a sua participação como cidadã na sociedade. Por outro lado, se observamos de maneira mais crítica, as mulheres continuaram a ser “escravas do lar”, pois, além de ter que trabalhar fora, não abandonavam as obrigações de cuidar da casa, dos filhos e de seu companheiro.

Através do avanço dos movimentos feministas novas representações foram sendo construídas, ainda que fosse perceptível certa resistência em relação à mudança, a mulher começou a garantir espaço no meio social. O preconceito em relação a algumas questões ainda continua muito forte nos dias atuais, principalmente em relação ao mercado de trabalho, pois por mais que as mulheres estejam atuando na mesma área profissional que os homens, a diferença salarial entre eles ainda acontece. As mulheres começaram a assumir cargos de pilotos, motorista, militares, entre outras áreas que antes elas jamais imaginavam estar atuando. É incontestável a ascensão feminina adquirida com o passar dos tempos. Os resultados dessas mudanças foram se refletindo na literatura, escritoras começam apresentar personagens femininas com traços modernos. Em **O Quinze**, Rachel de Queiroz narra a história de uma personagem feminina decidida a não aceitar o casamento para o seu destino, *Conceição* é determinada e independente, prefere viver sozinha e trabalhar, ao invés de submeter-se ao um casamento arranjado.

A narrativa de algumas escritoras como, por exemplo, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector eram tidas como literatura feminista. Apesar do preconceito e de críticas existentes em relação a sua escrita, essas mulheres não deixaram de narrar histórias que inquietavam a sociedade. Assim, as figurações femininas começaram a ser construídas, porque através da escrita, as mulheres passaram a deixar marcas dos seus discursos.

Clarice Lispector produz uma narrativa criando um heterônimo. Rodrigo S. M. é o narrador/ escritor que provavelmente estará imune de expressar solidariedade na trama da nordestina. Todavia, por mais que a autora tente ser passiva em relação à protagonista, percebemos em alguns momentos certa melancolia na história de Macabéa. É o que notamos na seguinte citação: “então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade” (p. 11). Percebemos, no entanto, que o narrador não consegue separar-se totalmente da personagem, porém, se tratando de Clarice Lispector, todas as colocações são motivos para dúvidas, pois sua escrita refere-se aos conflitos interiores do ser humano, de maneira dramática e por vezes irônica.

No romance **A Hora da Estrela**, o leitor da história busca encontrar respostas para as coisas que não são “ditas”, pois a representação feminina da personagem é coberta por inúmeras máscaras. As pessoas de modo geral utilizam “máscaras” que são diariamente modificadas a depender de situação vivenciada no cotidiano. Por meio desta máscara ficcional, podemos construir e destruir identidades. Segundo Nélida Piñon (1978, p. 34) “a máscara nunca sai de nosso rosto [...] só é substituída por outra. Você tem várias máscaras

superpostas. Às vezes você tira ou alguém te arranca”. Diante desta colocação, a autora mexe com as estruturas sociais e com os paradigmas daqueles que acreditam sempre agir de “cara limpa”, ou seja, sem nada a esconder.

O que percebemos em relação às figurações femininas, é que as mulheres nordestinas durante muito tempo costumam se colocar na situação de derrotadas e incapazes. Tudo isso, foi fruto de uma sociedade patriarcal, machista e escravista. As pobres nordestinas são as coitadinhas que devem sempre obediência ao esposo e que não podem manchar a sua reputação querendo igualar-se ao seu cônjuge, pois estas eram vistas como “mulheres de rua”. Ao observamos a história de milhares de migrantes nordestinos, percebemos que na maioria das vezes, são os homens que partem para buscar trabalho, enquanto a mulher se isolava no sertão, cuidando da casa e dos filhos. Esse era o retrato fiel de algumas famílias nordestinas.

Antônio Torres, em seu livro **Essa Terra**, registra a situação das mulheres que ficavam “estacionadas” no tempo à espera de um homem perfeito. Essas jovens, ainda tinham a concepção de que o casamento era o único destino seguro para as suas vidas:

Moças na janela, olhando para a estrada, parecem concordar: isto aqui é o fim do mundo. Estão sonhando com os rapazes que foram para São Paulo e nunca mais vieram buscá-las. Estão esperando os bancários de Alagoinhas e os homens da Petrobras. Estão esperando. Tabaréu, não: rapazes da cidade. – Vão morrer no barricão, loucas e com o tabaco ensebado, para pagar a língua -, revidam os solteirões desenganados. Desengano é nome feio, treta do diabo. [...] Até as casadas enlouqueceram, e arrastaram os seus homens e suas filhas para as cidades. [...] Muitos maridos vão e voltam, sozinhos, com uma mão adiante e outra atrás (TORRES, 2008, p. 17).

A linguagem utilizada por Antônio Torres para retratar fatos decorrentes da migração, tem como foco a mulher. O sertão era visto como o “fim do mundo” lugar onde ninguém queria habitar, os próprios nordestinos ironizavam o meio em que viviam, devido a grande precariedade de subsídios básicos para a sobrevivência. As mulheres ficavam sonhando com um homem que pudesse vir resgatá-las daquele lugar, mas o que acontecia, era justamente o contrário, os homens que moravam no nordeste saíam à procura de trabalho no sul do país, e acabavam ficando por lá ou quando voltavam se deparavam com a mesma situação.

O ambiente seco não ajudava no progresso do lugar. As mulheres pensavam somente em um homem que morasse fora daquela realidade dura e cruel. Então, acabavam desprezando os homens que moravam em suas cidades, para ficar à espera de um sujeito que fosse bem sucedido financeiramente, como os trabalhadores de indústrias petroquímicas, que possuíam uma boa estrutura econômica.

Segundo Manuel Castells (1999), as figurações femininas eram construídas a partir do patriarcalismo, ou seja, prevalecia o poder dos homens sobre as mulheres. Os homens moldavam as mulheres de acordo ao que eles gostariam que elas fossem. Dessa maneira, elas eram privadas em todas as formas de expressão. Existia uma subserviência “fora do normal”, as mulheres não tinham consciência de sua própria identidade feminina, pois desconheciam o que era *ser* mulher. É notório que somente depois dos movimentos feministas as mulheres começaram a inventar um novo padrão feminino. Cada protótipo era criado segundo a visão individual da mulher. Elas passaram a serem mais críticas, resultando, no entanto, em mulheres modernas com um olhar diferente para o seu futuro. Por mais que a sociedade ainda implique na construção de alguns valores culturais, não podemos negar que a construção das identidades femininas está intrinsecamente ligada aos fatores histórico- culturais.

Diversas mulheres passaram por uma dura realidade social e cultural, principalmente as que sofreram o processo de desenraizamento. Pois, essas migrantes geralmente trazem a herança de sua terra natal para a cidade grande: linguajar, vestuário, cultura. Mas, infelizmente, seu comportamento reflete na sociedade de maneira negativa e acabam transmitindo para o meio uma imagem feia e grotesca. Dessa forma, essas mulheres são excluídas do meio social.

O sentimento de impotência e de subserviência cercava as migrantes nordestinas, por isso, sempre se conformavam com pouco e permaneciam à margem da sociedade. Nota-se, no entanto, uma perda de valores diante do meio social, pois, se sua posição não corresponde aos valores de um determinado sistema, “automaticamente” o sujeito fica à margem da sociedade, “de vítimas passam a culpado pelo atraso, pelo subdesenvolvimento” (BURITY, 2002, p. 133).

Segundo Ecléa Bosi o migrante é um ser sem raízes:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha os animais, a casa, os vizinhos, as festa, a sua maneira de vestir o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade a sua fala é chamada de ‘código restrito’ pelos lingüistas, seu jeito de viver, ‘carência cultural’, sua religião, credence ou folclore (BOSI, 1983, p. 405).

Se pensarmos na construção das personagens femininas no romance **A Hora da Estrela**, notamos que a única personagem que não se sente integrada socialmente na cidade do Rio de Janeiro é Macabéa. A migrante alagoana permanece alienada do início ao fim da narrativa. A protagonista não consegue deixar nenhum traço que caracterize o seu lugar de

origem. Tudo que sabemos a respeito da protagonista, é revelado através do narrador da história, somente Rodrigo S. M. conhece os detalhes minuciosos de Macabéa.

Entendemos que a presença do narrador da trama vive em constante comunhão com a protagonista, além disso, Rodrigo S.M. possui uma participação ativa dentro do romance é um narrador que ao mesmo tempo é escritor e personagem. Muitas vezes o leitor pode perder o “fio” da narrativa por confundir Rodrigo S. M. com Clarice Lispector. Dessa forma, notamos que existe um ciclo complexo de criação: Clarice Lispector cria Rodrigo S. M. que cria Macabéa e ao mesmo tempo volta a ser Clarice Lispector.

Ao descrever a história de Macabéa através da máscara ficcional masculina, nota-se que a autora se envolve afetivamente na trama ao desejar banhar e beijar a protagonista: “ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse um grande luxo de viver” (p. 59). O discurso de Clarice Lispector cruza com a narração de Rodrigo S. M, fazendo com que a história da nordestina receba toques sentimentalistas.

Alguns estudiosos ao analisarem o romance **A Hora da Estrela**, concluem que Clarice Lispector usa como referência para Macabéa a sua própria infância no nordeste brasileiro. Além disso, o romance é o último publicado em vida pela autora, como se o trágico final de Macabéa indicasse também o fim de sua vida. De certa forma, essas figuras femininas que se cruzam, são duas imagens bastante complexas, tanto a de Macabéa, uma protagonista enigmática, quanto Clarice Lispector, uma escritora considerada hermética.

Apesar da enorme complexidade presente na narrativa do romance, é possível estabelecer relações entre as figuras femininas e a sociedade carioca da década de 70. Cada personagem feminina apresentada na obra se diferencia da protagonista, provavelmente, isso ocorra, por se tratar de uma migrante nordestina que não consegue passar nada de sua cultura para o novo espaço em que está inserida, ou simplesmente, por nunca conseguir corresponder às exigências da metrópole. Para análise dessas questões, irei tratar de forma individual cada figura feminina, dessa forma, identificaremos melhor suas respectivas representações dentro do romance.

A princípio, conheceremos a tia de Macabéa. O texto de Clarice Lispector nos fornece poucas informações sobre essa personagem que passa pelo processo de despersonalização dentro da trama, esta, diferente dos demais, não recebe um nome que a possa identificar. Dessa maneira, essa figura feminina, é simplesmente conhecida como tia de Macabéa ou beata. Para entender esta personagem dentro do romance, temos que levantar suposições sobre

a vida dela, ou até mesmo, ir além da palavra escrita para buscar informações que justifique o seu comportamento em relação a sua sobrinha.

A única parente da protagonista é a tia beata que a acolhe depois da morte de seus pais. A princípio, imaginamos que a tia de Macabéa possuía um instinto maternal, devido à acolhida que ela faz a sobrinha, já que a órfã não tinha com quem ficar. Contudo, no decorrer da narrativa vamos percebendo que ela possui atitudes opostas a tudo que possa ser sinônimo de carinho, amor e dedicação. A tia de Macabéa é religiosa, moralista, supersticiosa e cheia de tabus. Sentia enorme prazer em castigar Macabéa,

uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer (p. 28).

Por mais que a garota não desse motivo para receber esse tipo de tratamento, ela batia com a justificativa de que estava prevenindo a menina de fazer algo errado.

Geralmente, quando pensamos na figura feminina de uma beata, a primeira ideia que nos vem à mente é a imagem de uma mulher com estereótipo construído pela sociedade extremamente religiosa, cheia de caridade e assídua à igreja. Porém, a tia de Macabéa acaba sendo um paradoxo, pois, embora tenha essa “comunhão com Deus” continua sendo uma pessoa amarga que possivelmente tinha sofrido muito em sua infância e por ser tão sozinha no mundo parecia querer vingar-se do seu destino usando a inocência de Macabéa.

Amarga, solitária, fria, sem alegria, assim era a pobre beata de “ossos fracos por falta de cálcio. [...] que não se casara por nojo” (p.28). Não era uma mulher que possuía bens materiais, era mesquinha e fazia caso de tudo. Quando Macabéa era pequena, sentiu uma imensa vontade de criar um bicho, porém, a tia não concordava com o desejo da sobrinha “a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão” (p.29).

Durante 17 anos “cuidando” de Macabéa, a tia beata, jamais demonstrou ternura ou carinho pela menina. O que nos leva a pensar que se ela não conseguia demonstrar nenhuma manifestação de afeto é porque possivelmente nunca recebeu carinho de seus pais ou qualquer outra pessoa. Se observarmos o comentário que Clarice Lispector faz em relação à personagem, ela diz que nunca se casou por sentir “nojo”, esse poderia ser um preconceito

cultural da personagem em relação ao casamento, onde o enlace matrimonial é visto apenas como algo carnal, que lhe causa constrangimento ao pensar no ato sexual.

A visão que a tia de Macabéa manifestava sobre o ato sexual, provavelmente fosse comparada ao que ela via nas ruas de Maceió, ao observar mulheres que “ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem” (p. 28). Ela tinha pavor de ver mulheres “vendendo o corpo” e com isso, a sua beatice se fazia mais intensa a cada instante, o que a levava mais uma vez a castigar Macabéa. A tia da alagoana, além de representar a pobreza econômica, reúne em si às proibições incutidas pela religião. Através dessas caracterizações, podemos dizer que a infeliz beata passou a vida inteira tentando ser o que não era e se amargurou devido às vontades reprimidas que provavelmente teve durante toda a sua vida.

De certa forma, o sentimento de impotência podia ter sido incutido na tia de Macabéa devido sua situação social, uma mulher sozinha, que não se casara e o destino encarregou-se de arrastá-la à condição de beata, mantendo assim todos os valores tradicionais que a religião pregava, não se permitindo ter um envolvimento com homem. Essa ligação da tia de Macabéa com a igreja era intensa, o que a fazia levar a sua sobrinha a frequentar a igreja também, mesmo que a garota não entendesse nada sobre religião:

Pois era muito impressionável e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também. Mas não sabia enfeitar a realidade. Para ela a realidade era demais para ser acreditada. Aliás a palavra “realidade” não lhe dizia nada. [...] Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia (p. 34).

Mais uma vez, fica evidente a autoridade da beata perante a sobrinha e a alienação de Macabéa. A sertaneja não conseguia acreditar ou tomar decisões sozinha, tudo o que a ordenavam, ela simplesmente cumpria sem fazer questionamentos a respeito. A relação que Macabéa tinha com a tia era de certa forma vaga, resumia-se apenas em cumprir afazeres domésticos não podendo brincar como uma criança normal. Mesmo convivendo com a sobrinha, a beata fazia questão de manter a garota no anonimato, excluída do meio, moldando a alagoana da maneira que ela queria. Vale lembrar que essa situação de insulamento permaneceu até o dia da morte da beata e se estendeu até o dia da morte da protagonista.

No romance **A Hora da Estrela**, existem também outras mulheres que fazem parte da narrativa. É o caso das quatro Marias que dividem um pequeno quarto na periferia do Rio de Janeiro com Macabéa: “Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas” (p. 31). Essas quatro moças possuíam um perfil de mulher diferenciado da retirante. As quatro moças viviam cansadas do árduo trabalho nas Lojas Americanas, uma empresa que desde o

ano de fundação em 1929 mantém um forte crescimento econômico. Eram balconistas, ativas e trabalhadoras, não ganhavam muito e, por isso, moravam na Rua do Acre, uma rua pobre do Rio de Janeiro. Essas moças são apresentadas com poucos detalhes, eram apenas lutadoras que corriam atrás de sua sobrevivência. À noite quando iam dormir, acordavam com a terrível tosse seca de Macabéa, “elas viravam para o outro lado e readormeciam. A tosse da outra até que as embalava em sono mais profundo” (p. 32). Não reclamavam da companheira de quarto e tinham piedade da retirante alagoana, pois também vivenciavam a mesma condição que a sertaneja, eram mulheres pobres, sem status na sociedade.

A narrativa não revela se as Marias possuíam algum grau de parentesco ou se era apenas mais uma ironia da autora (o) fazer com que as quatro Marias dividissem o mesmo espaço e trabalhar no mesmo local. Até por que, essas personagens são apenas secundárias na obra, não possuem nenhuma participação na narrativa. Com exceção de Maria da Penha, esta tinha tanta piedade de ver Macabéa naquela solidão, que emprestava seu rádio de pilha para que a moça não se sentisse sozinha:

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios (p.37).

Depois desse momento, as personagens secundárias não são mais mencionadas na obra por Rodrigo S. M., as Marias são apenas figurantes que participam de um único momento da trama. Vale ressaltar, que ao invés de Macabéa manter um diálogo com suas companheiras de quarto, ela conversa com o Rádio Relógio emprestado por Maria da Penha, esse é mais um momento de alienação da sertaneja. “Ouvira também a informação de que o único animal que não cruza com o filho era o cavalo. - Isso, moço, é indecência, disse ela para o rádio” (p. 37). Tais circunstâncias denotam que a solidão de Macabéa era visceral, supomos desta forma, que se a nordestina dialogasse mais com as pessoas ao invés de falar com objetos ou viajar em sua imaginação, a mesma, poderia ter a oportunidade de se conhecer melhor, de sentir-se um pouco mais mulher.

As outras personagens femininas do romance são Glória e a cartomante, cujo nome era Madame Carlota. A primeira era colega de trabalho de Macabéa, a qual possui um perfil de mulher em contraposição ao da sertaneja alagoana. A segunda fez com que Macabéa ficasse

“grávida de futuro”, era uma ex-prostituta, que começou a ganhar dinheiro enganando pessoas do tipo de Macabéa ou a outros que quisessem acreditar nesse embuste.

Madame Carlota é uma das personagens que mais ostentava máscaras. Tinha o dom de manipular as pessoas e a sua maior arte era fazer com que todas as suas palavras fossem vistas como pura veracidade. Era uma ex-cafetina, devota de Jesus Cristo, e que por boa parte de sua vida foi muito pobre, comia e vestia-se mal. Dessa forma, resolve ganhar a vida se prostituindo nas ruas do Rio de Janeiro. Fazia isso por necessidade, mais também por gosto, pois, julgava ser uma pessoa muito carinhosa e ter afeto por todos os homens. Por sentir-se superior às outras moças, Carlota, tinha muitos atritos com as mulheres nas ruas, gostava de bater e puxar os cabelos das moças que “trabalhavam” com ela.

A cartomante possuía várias histórias e nada era escondido, falava com gozo sobre tudo o que já se passara em sua vida para Macabéa, e a nordestina apenas escutava:

-Olhe eu era muito asseada e não pegava doença ruim. Só uma vez me caiu uma sífilis mas a penicilina me curou. Eu era mais tolerante do que as outras porque sou bondosa e afinal estava dando o que era meu. Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. Com ele era amor, com os outros eu trabalhava (p.74).

Era comum ouvir casos como os da cartomante. Mulheres que “ganhavam a vida fácil” geralmente se debatiam com situações como essas, apanhavam e eram maltratadas pelo parceiro. Mas, Carlota gostava e acreditava que apanhava por amor, somente isso era capaz de fazer com que aquele homem continuasse ao seu lado, ela o amava incondicionalmente. Provavelmente, ele era um gigolô, queria apenas se aproveitar de Carlota, quando cansou, foi embora deixando a cafetina cheia de paixão.

Madame Carlota apesar de enganar Macabéa é a única que trata a sertaneja com carinho e atenção, demonstrações de ternura que a nordestina nunca tivera em sua vida, porém, depois de tantos elogios feitos à sertaneja, a cartomante faz alusão à homossexualidade feminina:

- O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino (p. 74).

As palavras da cartomante soavam de forma estranha aos ouvidos de Macabéa, pois, para ela, tudo era pecado, jamais poderia aceitar a ideia de ter uma mulher como sua parceira. É mais uma demonstração de sarcasmo que Clarice Lispector utiliza para ironizar a protagonista, uma vez que a sertaneja nunca tivera nenhum contato físico com ninguém, nem ao menos um abraço.

A cartomante representa dentro da trama a máscara da sociedade capitalista, inventa histórias para que através delas pudesse arrancar dinheiro das pessoas. A autora Barbara Freitag elabora uma análise acerca do romance **A Hora da Estrela** comentando a postura assumida por Carlota. “Ao ler o futuro implacável da moça nas cartas, até mesmo a cartomante se compadece. Não ousa revelar a verdade a Macabéa e resolveu mentir” (FREITAG, 1998, p. 147). De certa forma, apesar das histórias inventadas a respeito de Macabéa, Carlota faz com que a sertaneja sinta-se feliz, ao menos uma única vez na vida. Quando a nordestina sai da casa da cartomante, completamente alienada, é atropelada por uma Mercedes que possui uma estrela na capota. A “feliz” alagoana morre com um sorriso nos lábios e essa era a sua “hora da estrela”.

As figurações femininas citadas remetem a personagens modernas, são mulheres que trabalham para garantir o seu sustento e fogem do conceito das mulheres que eram criadas para o casamento, para viverem “acorrentadas” aos seus esposos. Cada uma dessas figuras femininas possui suas peculiaridades, umas se aproximam da religião, outras são místicas, e ainda, encontramos personagens que são completamente neutras em relação a algumas questões sociais. Clarice Lispector ao citar essas mulheres em sua obra, utiliza um discurso um pouco erótico, de maneira leve e sutil na tentativa de fazer com que as mulheres descubram a sua identidade. Com foco nessa questão, vamos conhecer um pouco mais sobre dois perfis de mulheres que se divergem em relação aos seus estereótipos, Glória e Macabéa, duas personagens que nos conduz a investigar as suas representações dentro do romance.

## **2.1 Macabéa e Glória: estereótipos femininos em contraposição**

Diante do exposto, podemos afirmar que as mulheres que mais se contrapõem dentro do romance é Macabéa e Glória. Duas personagens que apesar de dividirem o mesmo espaço de trabalho não conseguem se aproximar em absolutamente nada. O primeiro fator que leva a nordestina a se afastar de sua colega de trabalho é a sua condição de vida dentro da cidade, a

sertaneja não consegue se encontrar dentro da metrópole e isso torna a sua convivência cada vez mais difícil. Segundo Barbara Freitag (1998, p. 152) “a própria cidade passa a ser considerada ‘texto’, produtora de textos. [...] O ‘mito do passado’ ganha destaque no romance **A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector, pela maneira com que Macabéa se movimenta na cidade”. Percebemos, no entanto, que ela não consegue se beneficiar do que é ofertado na metrópole, por continuar presa a tradições e costumes de sua vida no nordeste.

A representação da personagem de Clarice Lispector se dá a partir do viés do trágico. Macabéa vive na trama a difícil tarefa de viver na cidade grande. O drama vivido pela alagoana é transmitido pelo narrador com autenticidade, o que automaticamente instiga o leitor a sentir a narrativa, como se estivesse vivendo um conflito real. Não é à toa que Macabéa continua pobre ao mudar para o Rio de Janeiro, pois se no sertão de Alagoas a nordestina já estava ameaçada a morte, na metrópole ela vive o mesmo impasse. O narrador que ao mesmo tempo é escritor da trama possui consciência de que a história da sertaneja é o retrato de tantos outros migrantes que andam espalhados pelo Brasil.

Ao observar as personagens Macabéa e Glória, percebemos que essas mulheres possuem um perfil feminino oposto uma da outra. A primeira é uma migrante que saiu do sertão de Alagoas para uma cidade do sudeste do país. Já a segunda, é uma carioca que estava acostumada com o ritmo e a cultura da metrópole. Glória vem de uma linhagem completamente diferente da de Macabéa. Filha de um açougueiro, nunca passou por dificuldades financeiras, apesar de não ser rica em bens materiais, possui uma estrutura financeira diferente da sertaneja. Até mesmo o nome da personagem explicita esta referência: a honra, renome e talento. “Glória” é uma virtude, Macabéa é o reflexo da pobreza.

A construção de estereótipos concedida às personagens é realizada a partir do contexto social que cada uma é inserida. Glória “possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido” (p. 59). A imagem construída para limitar o espaço dessa personagem é definida através de suas características físicas, onde sua maior marca cultural era a mistura da raça.

Glória era uma mulher branca, tinha um corpo escultural, alimentava-se bem e tinha seus pais que sempre cuidavam dela. Pelo fato de ser uma “carioca da gema” ela tinha orgulho de ser quem era e chamava atenção por onde passava. “Glória era estenógrafa e não só ganhava mais como não parecia se atrapalhar com as palavras difíceis das quais o chefe tanto gostava” (p. 40). Para sentir-se uma mulher mais bela oxigenava os cabelos e tinha todo um

rebolado ao caminhar. Glória era feliz consigo mesma, dava-se grande valor, tinha o que chamamos de autoestima bem elevada e isso a tornava mais segura de si.

A colega de trabalho de Macabéa, por mais oposta que fosse da sertaneja, procurava sempre ajudar a nordestina, sentia piedade de ver aquela jovem tão sem graça querendo ser artista de cinema. Apesar de apiedar-se, ria ironicamente de Macabéa

- Oh mulher, não tens cara?

- Tenho sim. É porque sou achatada de nariz sou alagoana.

-Diga-me uma coisa: você pensa no teu futuro?

A pergunta ficou por isso mesmo, pois a outra não soube o que responder. (p. 65).

Esse momento foi talvez uma das poucas vezes que Macabéa viu que não havia um lugar no mundo para ela, o que possivelmente está ligado ao processo de desenraizamento da protagonista. Supomos, no entanto, que devido a essa circunstância, Glória procurava dar atenção à sertaneja, ou simplesmente por sentir remorso de ter roubado o namorado da infeliz nordestina. Quando Glória afirma que a jovem “não tem cara”, ela se baseia nos estereótipos elaborados pela sociedade. São esses que acabam definindo a pessoa dentro do meio social. Quando elaboramos uma imagem sobre determinadas pessoas, acabamos agindo de maneira seletiva, tornando-nos cada vez mais preconceituosos.

Enquanto Glória é esperta e atenta ao mundo, Macabéa não consegue associar-se a ele, parece que o mundo é um grande enigma para ela. Segundo Barbara Freitag a cidade é um monstro

A violência do cangaceiro é substituída pela violência do motorista no trânsito. A cidade se comporta – depois da transferência da capital para Brasília – como uma mulher abandonada pelo marido que não consegue refazer a vida. A própria Rio de Janeiro não tem controle sobre a situação e sucumbe nos tempos da megalópole às suas próprias contradições. [...] Macabéa não decifrou o enigma da cidade e a cidade se vingou, engolindo-a (FREITAG, 1998, p. 153).

Não é a cidade que deve se adaptar ao sujeito, são as pessoas que devem adaptar-se a cidade. Os próprios sujeitos é que vão se moldando a partir do que é oferecido na megalópole, fazendo com que a sociedade comece a ganhar forma e características próprias. Todos os seus membros tornam-se “iguais” e começam a seguir os mesmos parâmetros sócio- culturais, dessa maneira, acabam excluindo outros que não ostentam os padrões exigidos pela sociedade. Aqueles que não se adaptam ao meio acabam ficando à margem.

Apesar de trabalhar, Macabéa ganhava muito mal e não podia dar-se ao luxo de comprar roupas caras ou acessórios que pudessem lhe dar uma aparência mais apresentável. Dessa forma, “vez ou outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscentes de joias e roupas acetinadas” (p. 35). O mundo inteiro estava fora dos padrões de Macabéa, nada do que a nordestina via nas vitrines estava ao seu alcance, dessa maneira, ela apenas imaginava vestir uma daquelas peças no dia que fosse uma artista de cinema igual à Marilyn Monroe, “e Glória caiu na gargalhada: - Logo ela, Maca? Vê se te manca!” (p. 64). Glória foi sarcástica com a nordestina devido a ousadia de Macabéa em querer ser igual a Marilyn Monroe, uma mulher que foi considerada um dos grandes símbolos da cultura pop. Esse ícone do pop incorpora-se as imagens que circulam nas mídias e está diretamente ligada a imagem *cult* e ao consumismo.

Décio Torres Cruz (2003, p. 18) assinala que “as imagens da literatura pop, com seu brilho reluzente e suas cores berrantes, enfatizam o fetichismo das mercadorias e das embalagens”. Vale ressaltar que a visão que Décio T. Cruz tece a respeito da literatura pop não se restringe somente ao Brasil, mas também, a partir de uma série de narrativas em literaturas estrangeiras. Marilyn Monroe, apesar de ter sido considerada uma artista com um brilho exuberante, acaba vivendo no isolamento devido à pressão imposta pela mídia sobre o sujeito, ditando sempre o que devem vestir, como se comportar, o que comer, entre outras exigências que acabam tornando esses “semideuses” em pessoas solitárias. É dessa maneira que a cultura midiática trabalha, ela elege um ídolo e faz com que este possa destacar-se perante o outro, tornando-se um verdadeiro símbolo do *glamour*. Porém, com o passar dos tempos, a própria mídia se encarrega de fazer com que o artista vá se tornando cada vez mais distante caindo no anonimato e elegendo outro para o lugar.

Todos os símbolos e ícones citados tais como: a artista, os produtos, as cores, fazem parte do movimento pop da literatura, onde ela registra e reinscreve um “outro universo de signos” (CRUZ, 2003, p. 19). Décio T. Cruz acrescenta que a

literatura pop objetiva desmascarar as intenções de controle da sociedade industrial que se utiliza da sexualidade humana e do reprimido através da manipulação do inconsciente para estabelecer a reificação do homem moderno em um processo que ratifica a cristalização de valores, glorifica a semelhança e anula qualquer possibilidade de diferença (CRUZ, 2003, p. 160).

Diante disso, entendemos que a literatura pop busca criticar o avanço desenfreado do capitalismo e por consequência do consumo, procurando alertar os sujeitos de que os meios de

comunicação de massa visam imagens da civilização moderna, o que de certa forma, contribui para o aumento da exclusão social, pois, quem não consegue acompanhar esse ritmo de vida, acaba ficando à margem do contexto em que está inserido.

No romance **A Hora da Estrela**, Clarice Lispector faz menção a elementos dos norte-americanos, como por exemplo, o cachorro-quente e a Coca-Cola, produtos que se espalharam mundialmente e que faz parte das poucas refeições de Macabéa. Os produtos norte-americanos se afirmam como marcas poderosas e acabam sendo inseridos na vida cotidiana de muitas pessoas. Desse modo, percebemos que Clarice Lispector elabora vontades para Macabéa, que se relacionam aos ícones da literatura pop, uma vez que os desejos dessa protagonista associavam-se a alguns símbolos dos quais fizeram parte desse contexto literário. Apesar de Macabéa continuar sendo uma jovem feia e sem importância para o meio, o autor procura uma maneira de fazer com que a identidade da sertaneja seja construída através desses símbolos.

## 2.2 Por que uma protagonista feia?

*“E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha.  
Vergonha por pudor ou por ser feia?  
(Clarice Lispector)*

Clarice Lispector ao apresentar a protagonista do romance **A Hora da Estrela** foge completamente dos perfis femininos construídos ao longo da história da literatura brasileira, como a exemplo das protagonistas: Maria da Glória, Aurélia, Iracema, Ceci e muitas outras mulheres que tiveram estereótipos e personalidades marcantes dentro das obras de José de Alencar. Macabéa era diferente de todas essas, era tão feia que não tinha nem corpo para se prostituir, como já foi dito ou não foi dito “Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido” (p. 58), era uma mulher quase que impossibilitada de um dia ser mãe. Mais quem a desejaria? Ninguém, ninguém a desejava, pois não era notada. Olímpico, suposto namorado, não demonstrava satisfação alguma em namorar a sertaneja.

A autora do romance surpreende ao escrever a história de uma moça que é tão pobre que só podia comer cachorro-quente com Coca-Cola, ou sanduíches de mortadela, mas isso era raro acontecer. Era uma mulher feia, pobre e tuberculosa, e o pior é que não tinha consciência de sua sina. Certa vez, a alagoana foi a um médico barato por indicação de Glória, o médico a

examinou e receitou um tônico para que Macabéa pudesse comprar, a alienação da nordestina é tanta que acreditava que somente indo ao médico já seria curada, portanto, não tomou a medicação.

A cada instante é mais perceptível a alienação da personagem e a sua inépcia, nas releituras vamos notando que a narrativa focaliza a jovem humilde do interior nordestino, a qual o futuro é determinado por sua feiura, anonimato e pela sua vaga presença no mundo. Daí viver na cidade do Rio de Janeiro não é uma tarefa fácil, principalmente quando se possui as mesmas características que Macabéa. Por isso, ela não passa de uma pequena estrela perdida em meio a uma imensa constelação, um ser distante da metrópole e do seu próprio “mundo interior”.

O conceito de feiura é muito subjetivo. O que é feio para uma pessoa, não significa que todas as outras vão ter a mesma opinião. Do mesmo modo, acontece com o belo, o que é considerado referência de beleza para uns, para outros não passa de algo horrendo e grotesco. Portanto, não adianta atitudes preconceituosas levando em consideração apenas a aparência do sujeito, porque estes são apenas critérios superficiais. Uma verruga no nariz, um corpo rechonchudo, uma pele com algumas cicatrizes ou flacidez podem ser considerados belos por não ser algo comum, dessa forma, a feiura pode ser interessante por não cair no tédio. Ela ultrapassa limites que desconhecemos, portanto, o feio ou o belo está apenas nos olhos de quem contempla nada é certeza, são opiniões subjetivas que se passam no íntimo do sujeito e que de certa forma, possui influência das experiências adquiridas na sociedade.

Para muitos leitores do romance **A Hora da Estrela**, Clarice Lispector cria uma protagonista que é a representação da feiura, uma moça de pele enferrujada e que cheirava mal. Somente o seu criador a ama verdadeiramente. O rosto de Macabéa é estreito e amarelado, assemelhava-se muito com o rosto de alguém que havia morrido. E pensando dessa forma, parecia mesmo que a jovem já tivesse morta, devido a sua falta de personalidade e autenticidade no meio social. A feiura de Macabéa e a sua mania de querer se desculpar por tudo inquieta o leitor da trama devido à falta de informação da alagoana. A sertaneja não se posiciona sobre nada, não reclama, concorda com tudo e agradece sempre, o que nos leva mais uma vez a crer que Macabéa é a alienação transfigurada em ser humano. Feia e alienada, essa é a protagonista de Clarice Lispector.

Umberto Eco, escritor italiano, dedicou boa parte de seus estudos à estética medieval, discutindo a ideia do belo. Devido ao grande valor teórico de suas pesquisas, o mesmo foi resultando em diversos ensaios, entre eles o livro **História da Feiura**. Segundo Umberto Eco

(2007) o conceito de beleza e feiura contempla diversas implicações e para entendermos o que de fato é a feiura, basta apenas compreendermos o que é o belo, uma vez que um é considerado o oposto do outro. Contudo, com o passar dos tempos, foram sendo criadas diversas palavras que foram fazendo referência ao feio, como por exemplo: horrível, repugnante, apavorante, desagradável, entre outros.

Macabéa, a personagem mais horrenda do romance, se encaixa perfeitamente no conceito de feiura desenvolvido por Umberto Eco, uma vez que geralmente estamos condicionados a nos distanciar de tudo que não parece belo, isso explica o fato da sertaneja ser rejeitada do meio social, por ser feia, ninguém a queria por perto. Em um trecho da obra Clarice Lispector escreve: “não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (p. 22). Diante do que conhecemos sobre a nordestina, não é difícil de imaginar o por que Macabéa tinha vergonha de se ver nua, de tocar e sentir o seu corpo como o de uma mulher viva. Ela apesar de não ter nenhum tipo de crendice, achava que olhar para o seu corpo completamente nu, era um pecado imperdoável, jamais teria coragem de parar a frente do espelho para observar o seu corpo. Ela não sabia que era feia, só se sentia diferente dos outros, mais acreditava que isso era algo normal. Para Umberto Eco “a feiura que provoca repulsa não pode ser representada sem que se destrua qualquer prazer estético” (ECO, 2007, p. 282). Comprovamos, no entanto, que Macabéa não desperta satisfação nas pessoas, uma vez que a sua aparência era extremamente desagradável de se observar.

E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlata as unhas das mãos. Mas como as roía quase até o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo. E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser (p. 36).

É muito fácil gostarmos do que é belo, encantador e agradável, porém, é inevitável não demonstrarmos desprezo pela falta de higiene. Se observarmos o trecho da obra de Clarice Lispector, supomos que o leitor, vai criando um retrato de Macabéa, apesar de não conhecer a personagem com tanta profundidade, remetemos a ela uma imagem formando sua feição ao ler a descrição feita pela autora do romance. Cada detalhe dentro da narrativa é importantíssimo para que possamos refletir sobre a representação da feiura nos dias atuais, a maneira como encaramos a personagem de Clarice Lispector levanta reflexões para o que

estamos vivendo nos dias de hoje. A autora do romance poderia criar uma personagem bonita e com o mesmo enredo da história de Macabéa, porém, ela preferiu debruçar-se diante de uma personagem que é o verdadeiro caos dentro da trama.

Para Umberto Eco, a feiura além de estar relacionada à estética também pode ultrapassar a mesma, apontando outros fatores dentro da sociedade que são considerados feios:

Na vida cotidiana somos cercados por espetáculos horríveis. Vemos imagens de população onde as crianças morrem de fome, reduzidas a esqueletos de barriga inchada, de países onde as mulheres são estupradas por invasores, de outros onde corpos humanos são torturados, assim como ressurgem continuamente sob nossos olhos as visões não muito remotas de outros esqueletos vivos [...] independentemente do fato de que possam inspirar piedade, desdém, instinto de rebelião, solidariedade, mesmo quando aceitas com o fatalismo de quem acredita que a vida nada mais é que uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria e vazia de significado (ECO, 2007, p. 436).

A feiura nesse sentido é vista de forma mais profunda, voltada para os problemas sociais, não a conceitos puramente estéticos. O feio, no entanto, passa a ser a má distribuição de renda, a miserabilidade em que vive o ser humano, a violência enfrentada por muitas mulheres e crianças em vários países, os verdadeiros “esqueletos vivos” que trabalham e lutam por sua sobrevivência no meio social. A feiura nada mais é do que as mazelas que muitos enfrentam diariamente, por viverem a margem da sociedade.

Clarice Lispector fisa e consegue surpreender o leitor pelas coisas que são ditas dentro do enredo. As críticas apresentadas através da narrativa busca reconstruir os velhos conceitos elaborados e aceitos por muitos membros da sociedade. Ao contrário do que muitos falam sobre a escrita de Clarice Lispector que é hermética, ela nos traduz através de suas narrativas, elementos que em muitas situações não nos damos conta de que acontece ao nosso redor. Uma protagonista feia, não é criada somente com o intuito de provocar risos para aqueles que entram em contato com a obra, uma protagonista feia é uma ironia, diante do que vivemos diariamente no meio social.

### 2.3 Macabéa: Exclusão e Alienação

Dois processos recorrentes no meio social são a exclusão e a alienação dos sujeitos. Esses fenômenos fazem parte da sociedade e são completamente nocivos. A alienação não é loucura, porém, se aproxima muito do conceito quando nos tornamos completamente perturbados com uma carência de si mesmo, algo que parece não ter explicação, mas é notório pelos demais membros devido ao comportamento que o sujeito assume dentro da sociedade. Para melhor compreensão, vamos tratar sobre a alienação e a exclusão de maneira distinta. Assim o leitor não correrá o risco de confundir um fenômeno com o outro. Porém, irá ter compreensão de que ambos podem ter uma relação.

A alienação não se aplica ao sujeito consciente, pelo contrário, ela apenas cria uma “consciência” fantasiosa, que vem a ser determinadas visões que o sujeito possui. Segundo Marilena Chauí

Os homens criam ou produzem alguma coisa, dão independência a essa criatura como se ela existisse por si mesma e em si mesma, deixam-se governar por ela como se ela tivesse poder em si e por si mesma, não se reconhecem na obra que criaram, fazendo-a um ser-outro, separado dos homens, superior a eles e com poder sobre eles (CHAUI, 2002, p. 170).

Para Marilena Chauí, o sujeito alienado se coloca na posição de um ser inferior diante desse elemento que chamamos de alienação. Os sujeitos criam uma imagem fantasiosa e acabam deixando a sua vida esvaír por causa dessa criação. A partir do momento em que o sujeito não tem domínio sobre as suas atitudes e desejos, provavelmente estaremos diante de um ser alienado.

Um ser alienado não possui clareza em suas ideias, seus pensamentos são confusos e a irracionalidade o cerca tornando-o cada vez mais inconsciente. Nesse momento, começamos a entender que o sujeito alienado não é importante para a sociedade, ele é alijado do meio ficando sempre à margem. “O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga o útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão *levar vantagem em tudo*” (CHAUI, 2002, p. 18). Ao aplicar esse conceito dentro da obra literária, compreendemos ainda melhor a representação da personagem Macabéa no romance **A Hora da Estrela**.

Por que Macabéa era inútil para a sociedade? Por que a protagonista era excluída do meio social? O fato é que o sujeito apenas ganha importância para o meio, se o mesmo pode

“abrir caminhos” para a sociedade crescer financeiramente. Se a pessoa não dá um retorno para o meio ele será inútil em qualquer área de atuação e sua representação não terá nenhuma validade. Ao analisarmos a escrita da Marilena Chauí, notamos a questão da superioridade em relação ao outro. A expressão popular “levar vantagem em tudo” é uma característica bem próxima do pensamento capitalista, pois a partir do momento que uns se beneficiam à custa do trabalho do outro, notamos nitidamente a desigualdade e a alienação social em vários campos: no trabalho, na economia e no intelectual.

No livro **Convite à Filosofia** de Marilena Chauí, a autora define cada um desses tipos de alienação. O primeiro objetivo da estudiosa é tentar entender o porquê das pessoas acreditarem que a sociedade foi instituída por vontade dos deuses. Parece bem mais fácil acreditarmos nas ações de outros do que assumir as nossas vontades. É mais tranquilo submetermos a determinadas condições sociais acreditando no poder superior de outro, seja ele filósofo, teólogo, ou cientista, do que assumirmos que somos nós sujeitos sociais os responsáveis por construirmos uma sociedade com inúmeras divisões.

Não importa o tamanho da comunidade, ela sempre irá se organizar através de divisões. “Na luta pela sobrevivência, os seres humanos se agrupam para explorar os recursos da Natureza e dividem as tarefas” (CHAUI, 2002, p. 171). A primeira instituição social onde acontecem divisões é a família:

O homem adulto, na qualidade de pai, torna-se chefe e domina a mulher adulta, sua esposa e mãe de seus filhos, os quais também são dominados pelo pai. As famílias trabalham e trocam entre si os produtos do trabalho [...]. Algumas famílias conquistam terras melhores do que outras e conseguem colheitas ou gado em maior quantidade que outras, trocando seus produtos por uma quantidade maior que a de outras. Ficam mais ricas. As muito pobres, não tendo conseguido produzir nada ou muito pouco, vêm-se obrigadas a trabalhar para as mais ricas em troca de produtos para a sobrevivência (CHAUI, 2002, p. 171)

Dessa forma é que começa a subserviência. Os mais poderosos economicamente reúnem-se para ficarem ainda mais fortes e excluem as famílias menos favorecidas. A partir daí surgem outras instituições, como por exemplo: o poder político e religioso. Mesmo sabendo da existência dessas instituições, a maioria das pessoas tem o costume de dizer que são livres, porque não reconhecem que vivemos presos a regras que foram constituindo a história da sociedade.

O sujeito alienado economicamente, não consegue perceber que ao realizar um trabalho ele recebe um determinado valor sobre o feito, o mesmo é coisificado. Os

trabalhadores “são mercadorias e, como toda mercadoria, recebem um preço, isto é, o salário. Entretanto, os trabalhadores não percebem que foram reduzidos à condição de coisas que produzem coisas; não percebem que foram desumanizados” (CHAUI, 2002, p. 173). Já a alienação intelectual, consiste no sujeito que esquece que suas ideias possuem relação com as opiniões dos sujeitos que “dominam” a sociedade. Até mesmo os intelectuais estão à mercê da alienação, porém, essas questões são pouco comentadas, porque de certa forma boa parte das pessoas foram acostumados a não refletir sobre isso.

Em nossa vida, acontecem fatos que fazem parte do cotidiano, geralmente negamos, afirmamos, fazemos perguntas e também julgamos, são práticas que assumimos diariamente e não nos damos conta. Ao levantar uma reflexão acerca dessas pequenas práticas, surge a seguinte questão: será que realmente conseguimos separar o que é real do que é ilusão? A alagoana, Macabéa, apesar de ser uma personagem da ficção, deixa transparecer que não. Para a protagonista, o mundo simplesmente existe, dessa maneira, o imaginário e o real formam um só mundo, uma única forma de existência, onde ela apenas vivia.

A alienação do sujeito consiste em aceitar de maneira parcial ou total tudo o que existe, a maioria das coisas para o ser alienado são completamente normais. O alienado não se reconhece como um ser do mundo causando um estranhamento entre ele e a natureza, não necessita de religião e se submete a sociedade que transforma suas ações em trabalho e os seus desejos em mercadorias. Isto é, a alienação irá consistir na imagem do homem inconsciente e solitário.

A reflexão sobre a temática, exclusão social, não se limita apenas na área dos estudos sociais. Por meio dos textos literários podemos adquirir o que chamamos de outro olhar da realidade. No romance de Lima Barreto, **Triste Fim de Policarpo Quaresma**, o autor aborda a questão da loucura, um tema crítico que de certa forma, faz parte da exclusão social, pois o sujeito que sofre algum tipo de distúrbio mental, a sociedade já estabelece um lugar onde esses possam viver fora do convívio cotidiano das pessoas. O polêmico tema de Lima Barreto nos coloca mais uma vez na discussão sobre o ilhamento ou insulamento.

O insulamento que Lima Barreto descreve em sua obra através do personagem Policarpo Quaresma, nos leva a perceber certo desencanto do autor pela sociedade, essa que é tão excludente, preconceituosa, ignora e menospreza aqueles que não possuem prestígio diante do meio social e selecionam os que são considerados “intelectuais” ou importantes para a sociedade. Os seres isolados ou excluídos possivelmente vivem uma espécie de abismo

psicológico, no qual suas ideias são reprimidas e pouco valorizadas. Foi o que aconteceu com a personagem de Lima Barreto.

Policarpo Quaresma era um nacionalista que acreditava na mudança e no bem comum, porém, suas ideias foram mal vistas, e acabou sendo considerado louco por querer “transformar” o Brasil. Contudo, junto com seus sonhos, veio o insulamento da personagem, que sem ter suas ideias aceitas, foi excluído do meio social, ficando à margem da sociedade carioca, local em que vivia.

Em relação à personagem de Lima Barreto, notamos um detalhe importante dentro da narrativa, talvez se Policarpo Quaresma, no lugar do conhecimento adquirido, tivesse acumulado bens materiais, poderia ter uma chance maior de expressar suas ideias com liberdade, além do mais, seria pouco provável, que o considerassem como um louco. A falta de riquezas é um dos maiores fatores para a exclusão social, tanto na realidade, quanto nas histórias fictícias. O romance de Clarice Lispector, **A Hora da Estrela** é a prova mais contundente de que a falta de recursos podem interferir significativamente na vida das pessoas.

Quando Olímpico conhece Glória, colega de trabalho de Macabéa, logo percebe que ela pode levá-lo a ganhar status dentro da sociedade, uma vez que os antecedentes dela já a colocava em uma posição superior. Como já mencionamos nos capítulos anteriores, Glória era filha de açougueiro, cargo, que de certa forma, resultava em um dinheiro razoável, nunca reclamou de ter passado dificuldade financeira ou ter sofrido algum tipo de rejeição por ser branca e sensual. “O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país [...] Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade” (p. 59). Foram essas características que fizeram com que Olímpico caísse em êxtase, pois pelos quadris de Glória, deduziu que esta poderia ser uma “boa parideira”, enquanto Macabéa lhe parecia “seca”.

O conceito sobre exclusão social consiste em não aceitar as diferenças que cada um possui dentro de um determinado meio. É isolar um sujeito por não se enquadrar nos parâmetros que a sociedade entende como imprescindível para ter uma vida com dignidade, aqueles que não possuem o perfil ideal são ignorados diante dos demais. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, a parcela social que não possui importância

é constituída, sobretudo, por pobres, colocados à margem da ordem formalmente estabelecida e do mundo oficial do poder, rejeitados ou ignorados pelo progresso identitário. São a alteridade incômoda, o reverso da medalha da identidade nacional ou cidadã, do mundo dos humildes e da pobreza, cuja simples existência é denunciadora da desigualdade social, do

preconceito e do que se convencionou chamar de “problema a ser resolvido” (PESAVENTO, 2001, p. 19).

Sandra Pesavento nos afirma a ideia de que os excluídos, em sua maioria, são os pobres que estão aglomerados nas periferias ou subúrbios das grandes cidades. Eles se encontram na mesma condição, seu maior conflito é viver em uma metrópole que não valoriza sua cultura, identidade e muito menos suas ideias. Uma das marcas registrada por Sandra Pesavento é que o sujeito só pode ser notado na sociedade, se este, possuir três elementos essenciais para o progresso: riqueza, prestígio e poder. Sem eles, a probabilidade de ser percebido no espaço social é mínima.

Aqueles que acumulam bens materiais têm maior possibilidade de conseguir conquistar um lugar de importância na sociedade, pois o que prevalece acima dos valores do sujeito são as riquezas adquiridas. A riqueza por sua vez é o índice que rege a produção capitalista. Karl Marx afirma que

a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza [...] não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 1975, p. 46).

É interessante compreendermos o quanto os bens materiais têm importância para a sociedade. A imensa acumulação de mercadorias é o que fornece valor para as pessoas, se as coisas consideradas úteis, “faz dela um valor- de- uso” (MARX, 1975, p. 46) logo, determinado objeto ganha um rótulo de algo grandioso e o seu consumo é a garantia de um bom retorno financeiro. Essa é uma das coisas que devemos analisar de forma mais crítica, perceber o quanto o dinheiro rouba o espaço do ser humano dentro do contexto social, quanto mais temos, mais devemos adquirir, pois essa é a dinâmica da sociedade capitalista, e para que o ser humano tenha prestígio dentro desse meio, é necessário seguirmos esse movimento.

Macabéa, além de ser rejeitada da cidade e isolada do mundo, passa pela desgraça de perder o “namorado” para a própria colega de trabalho. Sem saber o que fazer diante do ocorrido, a sertaneja apenas ria, sorrindo ela não amenizava a dor, apenas “ria por não ter se lembrado de chorar” (p.61), a partir de então, a alagoana continuou sua vida oca, como se nada tivesse acontecido. Desprovida de riquezas, ambições e felicidade, a sertaneja despediu-se de Olímpico, sem dar nenhuma manifestação de desespero, até mesmo porque a “tristeza era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo” (p. 61). Sem choros, lágrimas ou lamentações, a vida da sertaneja era vazia de existência. Devo

acrescentar que a retirante tinha um desejo secreto, sonhava em um dia ser rechonchuda, ter um corpo exuberante, pois certa vez, ouviu um rapaz dizer para uma gorda: “a tua gordura é formosura” (p. 61). Desde então, esse passou a ser seu ideal.

O desejo de Macabéa era algo possível de acontecer, caso não lhe faltassem os recursos necessários para viver com dignidade. A sertaneja era carente de tudo, sendo praticamente impossível de exercer alguma atividade produtiva no ambiente em que se encontrava. Em vários momentos da narrativa, o leitor pode perceber que Macabéa parece ter sido “arrancada” da realidade e colocada dentro da trama, pois era um retrato quase que fiel da realidade, tanto que o autor da história escreve: “é que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (p. 12). A experiência do autor do romance ocorre a partir da observação realizada na metrópole, isso nos leva a deduzir, que ao ver a situação dos migrantes nordestinos no Rio de Janeiro, o escritor nota o estranhamento de Macabéa diante da cidade.

A autora do romance **A Hora da Estrela**, além de conduzir o leitor a vivenciar fatos reais dentro da ficção, faz a inserção do nordestino na sociedade brasileira, provoca a reflexão sobre uma sertaneja que está “perdida” na metrópole e que de certa forma, representa outros milhares de migrantes espalhados pelo país, além disso, Clarice Lispector aponta a alienação do ser humano no mundo através da personagem Macabéa.

A escolha da protagonista, anônima, incompetente para a sociedade, integra ainda a alienação e a exclusão em sua identidade. A alienação se caracteriza pela transfiguração dos seres humanos em mercadorias, ou seja, transforma as pessoas em coisas e Macabéa de certa forma, representa esse ser alienado e coisificado. Mesmo nestas condições de ser no mundo, a sertaneja é representante de milhares de homens e mulheres que vivem à margem das megalópoles. A retirante não tinha prestígio, dinheiro e muito menos poder, a única propriedade que possuía na vida era o seu horrível nome, Macabéa.

O narrador, apesar de apresentar para o leitor a degradação humana, ainda assim, sente a vontade de escrever sobre essa sertaneja que vive em uma situação precária. Isso impulsiona a autora a criticar ainda mais a postura dos sujeitos da cidade grande, pessoas que não dão atenção ou demonstram solidariedade pelos menos favorecidos. Através da máscara ficcional, Clarice Lispector conduz a protagonista a situar-se no espaço distante de todos. Mesmo trabalhando ou na companhia do namorado, Macabéa vivia o drama do desassossego e ausência do sentido de tudo e de todos. Dessa maneira, a alienação é vista como a

fragmentação dos sujeitos em seres isolados, que não tendo oportunidades não consegue estabelecer uma conexão com o mundo.

O elo que Macabéa possuía com a vida era um aparelho emprestado de rádio relógio que a todo instante informava a hora certa, algumas curiosidades sobre a beleza e cultura local. Devido a alienação da sertaneja, a sua capacidade fica reduzida, e até mesmo os pensamentos que a nordestina tinha, eram vagos e sem sentido. “Só uma vez se fez a trágica pergunta: quem sou? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada” (p. 32). Dessa forma, a alienação de Macabéa não resulta apenas na inconsciência do mundo, Clarice Lispector deixa claro que a protagonista não se reconhece.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do trabalho foi investigar a construção da representação social da mulher lançando o olhar sobre Macabéa a protagonista do romance **A Hora da Estrela**, a partir da análise de fragmentos da obra procurou-se refletir acerca de alguns aspectos relacionados à vida de Macabéa, a sua condição de ser no mundo e de seu estranhamento diante da cidade do Rio de Janeiro.

Por mais que a trama seja ficcional, encontramos paralelos com a realidade. Ao narrar a história de Macabéa, a autora leva o leitor a perceber que assim como a protagonista do romance, muitos nordestinos enfrentaram e enfrentam situações semelhantes a da pobre sertaneja. Estar em uma metrópole onde seus sonhos são reprimidos, sua tradição e cultura são rejeitadas, a situação passa a ser caótica, triste e instaura um grande vazio naqueles que acreditam que podem conseguir melhor condição de vida em um ambiente em que são excluídos e maltratados. A presença da alagoana é tão insignificante dentro da cidade do Rio de Janeiro, que ela passa a viver como uma estrangeira, pois era apenas mais um ser em meio à multidão. Apesar das péssimas condições sociais em que a sertaneja vivia, ainda não tendo consciência da própria existência, Macabéa acalentava a esperança de um dia encontrar algo melhor para a sua vida.

Diante da leitura do romance, o leitor percebe que Clarice Lispector não desenvolve apenas um texto ficcional, ela propõe reflexões filosóficas e psicanalíticas através de sua escrita. A autora tem um poder de sedução de convencer o leitor a continuar lendo a história do romance, a qual a própria autora considera desinteressante. Por meio da máscara ficcional, a autora alerta o leitor para o fato de que as pessoas que têm pouco significado para a vida, apenas ganham reconhecimento com a morte.

No poema “Solidão”, de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, o poeta escreve:

Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:  
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste;  
Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.  
Duas vezes no ano pensam em ti. (CAMPOS, 1944).

Álvaro de Campos, através do poema, nos passa a ideia de desapego, seres humanos que apenas se importam ou notam as pessoas em algumas datas simbólicas.

No caso de Macabéa, a nordestina só foi notada no momento da sua trágica morte, quando a Mercedes amarela atropelou-a, começou a surgir diversas pessoas dos cantos das ruas, a sertaneja alienada, ainda acreditava que um dia ia brilhar e ser bem sucedida da mesma maneira que estava escrito nas cartas de Madame Carlota, a cartomante. A solitária nordestina beirando à morte conseguiu, somente nesse instante, “nascer”. Dessa maneira, Macabéa passa a existir com a morte, esta, que para alguns, é um momento de tristeza e sofrimento, para a protagonista, foi o seu momento de glória, através da morte, ela chegou ao seu desejado *gran finale*.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. **A invenção do Nordeste e outras artes.** – 2ª. Ed. – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, Joanildo A. (org.). **Cultura e identidade:** perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 125- 141.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 74- 108.

ARISTOTELES, **Arte Poética.** Idioma: português, Gênero: Filosofia- Disponível em: [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cv000005.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cv000005.pdf). Acesso em: 19/06/2012.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma.** Disponível em: [www.dominiopublico.com.br/PDF](http://www.dominiopublico.com.br/PDF). Acesso em: 04/11/2012.

BOSI, Ecléa. O que é desenraizamento? **Revista de Cultura Vozes.** Petrópolis: Vozes, ano 77, vol. LXXVII, n.6, ago. 1983.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 6 ed. – São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. In: **Novos arranjos familiares:** paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf>. Acesso em: 21/11/2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum; Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** São Paulo: Três, 1984. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 16/07/2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** Editora: Ática, 12ª Edição. São Paulo, 2002.

CRUZ, Décio Torres. **O pop: Literatura, mídia e outras artes.** – Salvador: Quarteto, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Émile Durkheim:** um dos pais da sociologia moderna. Disponível em: [http://www.suapesquisa.com/biografias/emile\\_durkheim.htm](http://www.suapesquisa.com/biografias/emile_durkheim.htm). Acesso em: 24/11/2012.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_, Umberto. **História da feiura.** Trad. Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro. Record, 2007.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FACCO, Lúcia. Salto para o futuro. **Mestre da Literatura em debate**. Ano XVIII- Boletim 21- outubro de 2008- TV Escola.

FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 1990.

FILHO, Cyro de Barros Rezende. **Os pobres na idade média**: de minoria funcional a excluídos do paraíso. Revista Ciências Humanas – Universidade de Taubaté (UNITAU) – Brasil – vol. 1, n. 1, 2009.

FREITAG, Barbara. Et alia. Cidade e Literatura. In: **O mito da megalópole na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1998.

GOTLIB, Nádía Battella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Disponível em: [http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo\\_Nadia\\_Gotlib.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm). Acesso em: 09/07/2012.

\_\_\_\_\_, Nádía Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

LINS, Osmar. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. - Rio Janeiro: Rocco, 1998.

MARX, Karl. O Capital, crítica da economia política. In: **A Mercadoria: Os fundamentos da produção da Sociedade e do seu conhecimento**. Livro I, 3ª Ed. –Trad: Reginaldo Sant’Anna, Civilização Brasileira. – Rio de Janeiro, 1975.

PAES, José Paulo. Pobre diabo no romance brasileiro. In: **A aventura literária**: ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 39-61.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. – São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2001.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro Campos**. - Lisboa: Ática, 1944. Disponível em: <http://multipessoa.net/labirinto/alvaro-de-campos/12>. Acesso em: 21/11/2012.

PIÑON, Nélida. A casa da paixão. In: **Feminino Fragmentado**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1978. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2009/10/feminino-fragmentado.pdf>. Acesso em: 02/08/2012.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 20ª Ed, Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1976. Disponível em: <http://baixarbonslivros.blogspot.com.br/2010/05/o-quinze-rachel-de-queiroz.html>. Acesso em: 31/08/12.

TORRES, Antônio. **Essa Terra**.- Rio de Janeiro: Edições- BestBolso, 2008.



